

ROSA, A VERMELHA

Textos Escolhidos

A vida e a obra de Rosa Vermelha

Luiz Pilla Vares*

Do ostracismo ao renascimento

"Não estamos perdidos. Pelo contrário, venceremos se não tivermos desaprendido a aprender"

Rosa Luxemburgo

Por que cresce o interesse pela obra e pela vida de Rosa Luxemburgo, justamente ela que, segundo Lênin, "é a mais autêntica representante do marxismo revolucionário", quando mais se repete a desgastada polêmica sobre "a morte do marxismo"? O mais importante é que este renovado interesse pela *Rosa Vermelha* não é arqueológico e acadêmico, mas militante. Profundamente enraizado naqueles setores da esquerda que caem na esparrela da morte do marxismo e compreendem que a crise política do socialismo diz respeito à questão do *sujeito revolucionário* e ao problema cada vez mais atual das formas de poder nas sociedades pós-revolucionárias e as relações entre o socialismo e a democracia.

Ora, o impasse do marxismo é precisamente político, tornando-se uma "ideologia de justificação" da burocracia estalinista ou perdendo todo o seu conteúdo crítico e revolucionário ante a sociedade capitalista através da prática de "gerenciar e administrar o capitalismo" levada a cabo pela social-democracia no Ocidente. O marxismo de Rosa Luxemburgo, porém, está a quilômetros de distância tanto do dogmatismo "asiático" de Stálin e seus herdeiros, como da prática rotineira da social-democracia, que enviou para o seu próprio museu um retrato adulterado de Karl Marx.

* Luiz Pilla Vares foi Presidente do Partido dos Trabalhadores – PT/POA e ex-Secretário Municipal/POA e Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais e Filosofia, é autor de *Socialismo e Liberdade*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985; *Glasnost – a Primavera Vermelha*, Porto Alegre, Tchê, 1987; *O Pescador de Pérolas – por um marxismo vivo*, Porto Alegre, Tchê, 1988; *Rosa, a Vermelha – textos escolhidos*, São Paulo, Busca a Vida, 1988; *O Anarquismo*, Porto Alegre, editora da Universidade, 1988; e *Gramsci – Cem anos de um pensamento vivo*, Porto Alegre, Palmarinca, 1991.

Assim, na medida mesma em que o marxismo se corrompe através do estalinismo e da social-democracia, Rosa Luxemburgo tem, por meio destas correntes, o seu pensamento alterado e deformado. O estalinismo reduziu de forma arbitrária o pensamento e a imagem de Rosa como representantes teóricos do "espontaneísmo" e do "catastrofismo". O embuste torna-se tanto mais grotesco quando se verifica que o mais vivo e criador pensamento revolucionário adquire a feição que lhe é mais frontalmente antagônica: a do marxismo mecanicista.

Por outro lado, a deformação das teorias de Rosa pelos social-democratas não é menos grosseira do que a estalinista. As mais diversas correntes reformistas pinçam fragmentos da obra luxemburguista isolados de seu contexto, deformando-os em primeiros planos ilusórios, com o objetivo de apresentar Rosa como inimiga dos bolchevistas e da revolução socialista dirigida por eles na Rússia de 17.

Finalmente, outra deformação não menos grotesca parte dos anarquistas que vulgarizam as teses de Rosa Luxemburgo, reduzindo-as e simplificando-as ao culto de um "espontaneísmo" trivial e à defesa de uma abstrata "democracia direta" que seria a negação radical de Estado, inclusive o Estado Operário.

Diante de todas estas adulterações, é compreensível que o marxismo de Rosa Luxemburgo tivesse caído no esquecimento durante longos anos e apenas pequenos grupos socialistas, que recusavam a dicotomia do movimento operário entre estalinistas e social-democratas, mantiveram viva a sua preciosa herança teórica, que apenas agora parece estar sendo recuperada em benefício dos legítimos herdeiros: os proletários do mundo inteiro.

Seria equivocado, porém, pretender que o esquecimento de Rosa se constituísse tão-somente em uma questão teórica. Luxemburgo foi a representante mais autêntica de uma época revolucionária. As suas teorias nada mais são do que a consciência da classe operária mais avançada nas sociedades capitalistas. O recuo da revolução no Ocidente industrializado seria a causa fundamental para que as teses de Rosa passassem longos anos restritas a pequenos grupos marxistas. Entretanto, aqui é preciso não fazer uma imagem idílica da classe operária enganada ou traída por suas direções social-democratas ou estalinistas. A própria classe na realidade abandonou as perspectivas revolucionárias abertas nas primeiras décadas do século XX, aceitando o caminho reformista, embora as direções escondessem o dinamismo da teoria luxemburguista, que, na tradição do marxismo, não excluía as reformas no interior do sistema capitalista na estratégia global do proletariado.

Mas, se Luxemburgo expressava, na sua época, a mais autêntica tradição do marxismo, ela não constituía um caso isolado. Rosa era a representante de toda uma tendência no movimento socialista e das lutas de classe a nível internacional, a ala esquerda da social-democracia, da qual não se pode excluir Lênin e os bolcheviques, que se mobilizaram a nível prático e teórico num debate que, apesar de todos os anos transcorridos, ainda não foi encerrado. Pannekoek na Holanda, o jovem Trotsky na Rússia, Parvus na Alemanha, Gramsci e Bordiga na Itália e, mais tarde, Lukács e Korsch, para não se falar nos camaradas de Rosa no grupo Espártaco, como Franz Mehring e, principalmente, Karl Liebknecht, são integrantes de uma corrente que expressava o setor mais à esquerda do socialismo internacional, o que não quer dizer que houvesse total concordância entre eles. Na idade de ouro do marxismo, as divergências eram consideradas não somente normais, como, inclusive, vitais para o próprio desenvolvimento da teoria revolucionária. Naqueles anos, a revolução, através dos conselhos operários, se espalhava pelo mundo capitalista. E quando a classe trabalhadora decide ela mesma realizar a sua emancipação, a sua expressão teórica é o marxismo revolucionário.

No fim da década de 20 e nos anos 30, a ascensão do fascismo na Europa e as sucessivas derrotas da classe operária que culminariam na Segunda Guerra Mundial levam ao ostracismo todos estes expressivos representantes da esquerda socialista internacional, entre eles Rosa Luxemburgo. Será apenas na metade dos anos 60, com a retomada do curso revolucionário à escala planetária, que o pertinaz trabalho da "Velha Toupeira" dará os seus frutos, e uma juventude rebelde e radicalizada vai descobrir com entusiasmo o marxismo vivo e não dogmático de Luxemburgo. Desta vez, porém, Rosa vem para ficar: o esgotamento do estalinismo e o impasse permanente da social-democracia, além da falta de perspectivas para a desalienação dentro do sistema capitalista, são os fatores fundamentais para a recuperação dos comunistas conselhistas (Pannekoek, Gorter, Korsch), a grande obra de George Lukács dos anos 20 (*História e consciência de classe*), o marxismo militante de Leon Trotsky e o leninismo rigoroso de Bukharin. E, em primeiro lugar, Rosa. Daqui para a frente, a crítica ao capitalismo tem a seu dispor um novo e poderoso instrumental daqueles que desenvolveram o marxismo na época imperialista e que, por sua proximidade com a revolução proletária, esboçaram o caminho do poder operário, que não é nem o gradualismo social-democrata e nem o Estado hipertrofiado que surge sobre as cinzas dos soviets de 1917, e passa a ser o instrumento para que a burocracia exerça o seu monopólio de poder em uma vasta região da Europa do Leste e na Ásia. Com Rosa Luxemburgo e os outros marxistas revolucionários redescobertos, as palavras socialismo e liberdade readquiriam sentido, teórico e prático, na luta dos trabalhadores por novas condições de vida.

A Rosa Vermelha no Brasil

"Foi o cenário dos anos 60, assentado no triunfo da revolução cubana, da revolução argelina, da resistência vietnamita à invasão norte-americana, na revolução cultural chinesa, que propiciou a reaparição do nome de Rosa Luxemburgo, ao lado de Che Guevara, de Mao e Ho Chi-Minh, marcando o ressurgimento de correntes revolucionárias no movimento anticapitalista."

Emir Sader

Ora, se o pensamento revolucionário de Rosa Luxemburgo caiu no ostracismo no mundo industrializado na década de 30, com muito mais razão seria esquecido no Brasil, onde, nas primeiras décadas do século XX, havia apenas pálidas tentativas de pensamento marxista. Não havia sequer uma classe operária com tradição de luta, com organizações próprias e com partidos políticos socialistas enraizados no movimento dos trabalhadores. A sociedade brasileira era ainda herdeira do patriarcalismo e do escravagismo e mesmo os seus maiores centros industriais eram ainda estreitos e o ambiente político e intelectual respirava uma atmosfera provinciana.

Certamente, não podemos deixar de considerar as primeiras lutas operárias de vulto, onde se destaca a influência do anarcos-sindicalismo revolucionário, de qual a COB (Confederação Operária Brasileira) era a mais autêntica expressão. A COB expressava o que de mais avançado havia no movimento trabalhista brasileiro¹, mas reunia uma pequena parcela da classe trabalhadora, sem qualquer condição de representar uma alternativa de poder concreta em uma sociedade onde ainda eram visíveis os vestígios da exploração do trabalho escravo, oligárquica, e na qual o capitalismo apenas dava os seus primeiros passos.

O Partido Comunista, fundado em 1922, não surge, assim, de um movimento operário poderoso, mas sob a influência da revolução socialista na Rússia, fundado por ex-anarquistas. Nunca chegou a se construir no Brasil um partido político de inspiração social-democrata ligado ao movimento de massas. Nem era possível, pois a classe operária brasileira estava ainda em sua infância.

Não havia, pois, marxistas no Brasil nas primeiras décadas do século XX². O marxismo surgirá gradualmente, na medida em que se desenvolver a sociedade capitalista em nosso país, para desabrochar apenas no fim da década de 50 e início dos anos 60, paralelamente ao desenvolvimento da consciência de classe do proletariado brasileiro e ao surgimento de organizações políticas que questionavam o dogmatismo tradicional do Partido Comunista.

Assim, a riqueza do Pensamento luxemburguista não tinha ressonância em um país onde a classe trabalhadora, após a decadência da COB, crescia de mãos atadas ao oficialismo do Ministério do Trabalho. Rosa surgia apenas em uma ou outra coletânea na década de 30, onde se destacava no campo editorial a curiosa Edições Unitas, que publicou - para um público restrito, e mesmo esse, sem grande cultura socialista nem informações suficientes para estar a par do grande debate que desde o fim do século XIX empolgava o proletariado europeu - obras de Trotsky, Max Adler, Plekhanov, Sorel, Bukharin, Labriola, Kautsky. Provavelmente o primeiro texto impresso de Rosa Luxemburgo no Brasil surgiu numa dessas antologias publicadas pela Unitas, de São Paulo. Tratava-se do clássico "Pausas e avanços do marxismo", em 1933, trinta anos após sua publicação no *Vorwärts*, o jornal da social-democracia alemã, em 14 de março de 1903. A antologia intitulava-se *O marxismo* e reunia, além de Rosa, textos de Kautsky, Lênin e Plekhanov³. No ano seguinte, em 1934, outra editora de esquerda, a Calvino Filho, também publica uma antologia com vários autores, onde aparece Rosa Luxemburgo entre Marx, Engels, Deville, Max Beer, Lafargue, R. Louzon, Lênin, Trotsky e Bukharin, com prefácio de J. Gorkin, que pertencia ao POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), organização comunista não estalinista espanhola⁴. Curiosamente, o texto de Rosa nesta antologia, "A circulação do capital e dos produtos - a repartição dos benefícios", é um capítulo da clássica biografia de Marx escrita por Franz Mehring, que apenas alguém bem informado como o espanhol Gorkin poderia saber de autoria de Luxemburgo.

A repressão violenta que se segue à insurreição de 1935 da Aliança Libertadora Nacional (ALN) teria desdobramentos trágicos, os quais culminariam no golpe de Estado direitista de Getúlio Vargas, em 1937, que instaura o chamado Estado Novo, banindo toda a literatura de esquerda que começava a proliferar no Brasil. Por vários anos, não se ouvirá mais falar em Rosa Luxemburgo no Brasil.

1 *A Voz do Trabalhador*, coleção fac-similar do jornal da Confederação Operária Brasileira (COB), de 1908 a 1915, com prefácio do professor Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp, 1985.

2 Silvério Fontes, "Manifesto do Partido Socialista Brasileiro", in *Temas de Ciências Humanas*, nº 2, São Paulo, Ed. Grijalbo.

3 São Paulo, Unitas, 1933.

4 *Capitalismo e comunismo*, vários autores, Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1934.

Um dos equívocos que se comete no Brasil (ou que se cometeu, pois felizmente o preconceito e as falsificações grosseiras desapareceram nos últimos anos) é considerar o trotskismo como uma anomalia do movimento operário. As várias correntes trotskistas no Brasil certamente erraram muito em épocas diversas. Mas os pequenos grupos que reivindicaram o trotskismo no Brasil, na medida em que estavam livres das amarras impostas pelo estalinismo, mantiveram vivo o método de análise marxista, ou, pelo menos, tentaram aplicar à sociedade brasileira as categorias e os princípios marxistas⁵.

Foram os trotskistas de Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Fúlvio Abramo e outros que, logo após a Segunda Guerra Mundial, integrando a Esquerda Democrática, lançaram o jornal *Vanguarda Socialista*, que publicou a famosa crítica de Rosa aos bolcheviques pelo rumo que seguia o poder soviético⁶. No mesmo ano, a Editora Flama, de São Paulo, lança *Reforma social ou revolução*, que até hoje é o livro de Rosa mais lido no Brasil, pois teria mais uma edição, provavelmente no fim dos anos 50, ou início dos 60, pela Editora Elipse, também de São Paulo. Recentemente, esse texto constituiu o volume 48 da Coleção Bases da Global Editora, com excelente prefácio de Emir Sader⁷. EM 1968, com introdução do português Paulo de Castro, é publicada a antologia intitulada *Socialismo e liberdade*, que, pela primeira vez, mostra ao leitor brasileiro os textos de Rosa Luxemburgo em sua polêmica com Lênin a respeito das características e da essência do partido proletário⁸. A sua maior obra, *Acumulação do capital*, já teve duas edições brasileiras, uma da Zahar, também em fins dos anos 70, e outra, já na década de 80, pela Abril Cultural, na coleção Os Economistas. *Introdução à economia política* foi editada pela Martins Fontes e, finalmente, o clássico panfleto *Greve de massas, partido e sindicatos*, pela Kairós, de São Paulo, ambos há menos de dez anos. O mais recente livro de Rosa Luxemburgo editado no Brasil é *Camarada e amante*, uma coletânea de cartas para seu companheiro de quase toda vida, o polonês Leo Jogiches, marxista e revolucionário como Rosa. *Camarada e amante* foi publicado pela Editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro. Como se vê, nos últimos dez anos há um interesse pela obra de Rosa que, não obstante, ainda é muito pouco divulgada no Brasil em comparação com outros marxistas como Lênin e mesmo Leon Trotsky.

Entretanto, se ao longo de todos esses anos a fecunda e criativa obra revolucionária de Luxemburgo foi pouco lida no Brasil, muito menor foi a sua influência política. Excetuando-se o pequeno grupo liderado por Mário Pedrosa e algumas figuras isoladas na esquerda do velho Partido Socialista Brasileiro, não se pode falar em uma tendência "luxemburguista" no Brasil. Mesmo nos anos de radicalização política da década de 60, quando o pensamento de Trotsky ganhou fortes setores da juventude, ainda assim Rosa permanecia desconhecida. Somente na Política Operária (Polop) ouvia-se falar em Luxemburgo. Ainda assim, a antiga Polop sempre foi muito mais leninista do que luxemburguista. Hoje os tempos são outros, porém, e as seguidas mas ainda insuficientes edições das obras de Rosa no Brasil podem proporcionar uma saída política para o impasse em que se encontra o movimento de massas no País, já que sua leitura se presta muito mais à prática política e social do que aos exercícios acadêmicos. Aliás, não somente para o Brasil chegou o momento de se fazer uma reavaliação crítica de toda a história do movimento socialista, assim como de seu legado teórico e prático, desde a função e as características do partido político até as formas de poder socialista. No Brasil, porém, onde a esquerda esteve durante longos

5 *Na contra-corrente da História* (Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-33), São Paulo, Brasiliense, 1987.

6 Rosa Luxemburgo, "A Revolução Russa", in *Vanguarda Socialista*, nº 30, Rio de Janeiro, 22 de março de 1946.

7 Tanto a edição da Flama como a da Elipse não estão datadas, mas é certo que a primeira foi publicada na segunda metade da década de 40 e a segunda provavelmente no início dos anos 60.

8 Rio de Janeiro, Forum.

anos sob a dominação quase exclusiva do estalinismo e foi formada segundo as diretrizes da Terceira Internacional "bolchevizada", as teses luxemburguistas são mais do que atuais. Ficar frustrado, entretanto, aquele que pretender encontrar em Luxemburgo esquemas e dogmas fixos para a substituição de outros. Ao contrário, a leitura de Rosa conduz ao próprio espírito crítico do marxismo. E talvez por isso mesmo nunca se tenha cristalizado em torno de suas obras as pequenas seitas de que o leninismo sob suas mais diversas interpretações foi e continua sendo pródigo. Acima de tudo, com seus erros inclusive, Rosa era o oposto do teórico dogmático. Nesse sentido, ninguém melhor do que ela para sacudir de seu torpor a esquerda brasileira e as várias correntes do movimento operário e popular.

Da Comuna de Paris à tragédia de Espártaco

*"Em Rosa Luxemburgo, o socialismo não é apenas uma esperança,
mas o objetivo de uma indomável vontade de ação."*

Paul Frölich

Esta história poderia começar em Moscou ou em São Petersburgo, centro do maior conservadorismo europeu nas três últimas décadas do século passado. Poderia começar em Berlim, onde se cruzavam as tendências reacionárias e o que de mais expressivo havia no novo movimento operário influenciado pelas teorias de Marx, Engels e organizado pelo ardor de Lassalle. Poderia começar também em Zamosc, uma pequena vila do distrito polonês de Lublin, perto da fronteira russa. Mas vamos começá-la em Paris, em 5 de março de 1871. A grande capital europeia estava convulsionada pela revolução: o Estado já não era um Estado na plena acepção do termo. O povo armado substituíra o Exército regular. Como afirmara Marx, "o proletariado tomara o céu de assalto". A Comuna de Paris teria uma influência decisiva na própria concepção marxista do Estado, pois é a partir dos acontecimentos revolucionários da Comuna que Marx e Engels revisam as suas teses sobre o Estado, contidas no Manifesto Comunista de 1848, segundo as quais o proletariado revolucionário deveria tomar o poder de Estado e usá-lo para seus próprios objetivos socialistas. Depois da Comuna de Paris, Marx e Engels começam a falar na destruição da máquina estatal burguesa, pois foi exatamente isto que realizaram os comunardos. A questão do Estado, muitos anos mais tarde, seria um divisor de águas no movimento socialista internacional, sendo que, às vésperas da Revolução Russa, Lênin escreve o seu famoso O Estado e a revolução, cujo principal objetivo era justamente o de resgatar as teses de Marx sobre a Comuna de Paris, voltando-as contra os que se pretendiam os guardiães da ortodoxia do materialismo histórico, como Karl Kautsky, que, na prática, colocaram no ostracismo a idéia de que o proletariado revolucionário deve dismantelar a máquina estatal da burguesia e colocar em seu lugar um novo tipo de Estado, que já não era um Estado clássico, mas uma instituição em vias de desaparecimento.

Esta tese do Estado em vias de desaparecimento, que seria o tema central da obra *O Estado e a revolução*, estaria igualmente nas principais preocupações de Rosa Luxemburgo quando a revolução socialista estava na ordem do dia na Europa capitalista. A revolução dos conselhos operários vinha em linha direta do exemplo do proletariado parisiense naqueles tempestuosos dias de março de 1871, que inauguravam um novo caminho na história da humanidade: a era da revolução socialista. Em poucos meses, a Comuna parisiense fora derrotada e selvagememente reprimida, mas o exemplo ficou e pouco mais de trinta anos depois seria retomado pelo proletariado russo, em 1905, quando o socialismo europeu, principalmente o alemão, se acomodava em uma rotineira prática de lutas por reformas dentro do sistema, ainda que mantivesse um "programa máximo" ortodoxo, isto é, havia uma ruptura entre a teoria e a prática da social-democracia. Assim, a novidade representada pela revolução russa de 1905, com os seus sovietes proletários, não passou despercebida a Rosa Luxemburgo, embora tenha sido um dos atores do grande acontecimento, Leon Trotsky, quem tenha compreendido melhor o que se passara na Rússia czarista e tirado as conclusões mais corretas sobre os ensinamentos da classe operária que, de forma espontânea, inventara os sovietes - os conselhos - como órgãos de representação e poder. O livro de Rosa, *Greve de massas, partido e sindicatos*⁹ constitui uma das mais brilhantes análises marxistas sobre os acontecimentos na Rússia de 1905. Rosa, neste livrinho, não considera a revolução de 1905 um problema especificamente russo, mas procura generalizar a experiência para toda a classe operária internacional.

Voltemos a 1871. Certamente a pequena vila polonesa de Zamosc não havia sido sacudida pelos acontecimentos de Paris. Talvez a sua reduzida população nem sequer soubesse que o proletariado parisiense tivesse se levantado em armas. Nem era para menos, pois a Polônia fazia parte do império russo, inflexível quanto à censura, o centro da reação européia.

Foi lá em Zamosc que, no dia 5 de março de 1871, nasceu Rosa Luxemburgo, a caçula de uma família judia com cinco filhos, três meninos e duas meninas. Zamosc teve uma certa importância em outras épocas, mas, ao tempo do nascimento de Rosa, estava em franco declínio. Sua população era composta de um terço de judeus, o mais alto índice em toda a Polônia. Peter Nettl contesta o que afirma a maioria dos biógrafos de Rosa: para ele Zamosc não era um lugar de extrema pobreza com uma população de baixo nível cultural. A cidade teria tido uma relativa importância sob o domínio de seus poderosos latifundiários. Zamosc esteve sob a dominação da Áustria até 1809, passando para a Rússia em 1815. Nettl afirma que a cidade onde nasceu Rosa Luxemburgo era um local onde se cruzavam culturas, e a russificação encontrou ali mais resistência do que em qualquer outro lugar¹⁰.

Para Paul Frölich, ao contrário, Zamosc era uma pequena cidade com miseráveis condições de vida, cuja população possuía um baixo nível cultural¹¹. De qualquer forma, foi ali em Zamosc que Rosa passou a sua infância, da qual não temos muitas informações, como salientam todos os seus biógrafos. A própria Rosa, em sua abundante correspondência, faz poucas referências à sua infância na cidade polonesa.

Segundo Nettl, a população judaica de Zamosc não tinha a estreiteza do fanatismo fora de moda, nem vivia num mundo atrasado de resignação e obscurantismo. Ao contrário, a comunidade judaica de Zamosc viveria naquele tempo em uma atmosfera particular da classe média, sendo inclusive um centro de reação

9 *Grève de Masses, Parti et Syndicats*, Paris, Maspèro, 1964. Há uma edição brasileira da editora Kairós, São Paulo.

10 J.P. Nett, *Rosa Luxemburg*, Londres, Oxford Paperbacks, 1969, p. 31.

11 Paul Frölich, *Rosa Luxemburg*, Paris, Maspèro, 1965, p. 21.

contra os guardiões do fanatismo religioso. Entretanto, a família de Rosa tinha muito pouco a ver com esta tradição, pois já havia sido assimilada nos tempos de seu avô. A assimilação dos judeus, aliás, era mais comum em Zamosc do que em outros lugares da Polônia, justamente em razão de seus laços com a literatura ocidental. Assim, os pais de Rosa falavam e escreviam em polonês, e seu pai particularmente se interessava muito pelos assuntos da Polônia. Frölich inclusive afirma que o lar dos Luxemburgo era desses em que a cultura ocidental, especialmente a alemã, sentia-se em casa. Na época do nascimento de Rosa, vivia em Zamosc o escritor judeu Leon Perez, racionalista, cujos textos de juventude constituem um protesto contra a tirania das tradições ancestrais e uma denúncia dos abusos sociais, a exploração dos operários e a terrível miséria dos pobres nas províncias polonesas. Para Paul Frölich, a família Luxemburgo certamente manteve estreitas relações com Perez.

Nesse ambiente intelectualizado e de uma classe média relativamente próspera, nasceu Rosa. Portanto, talvez nesse meio, após o nascimento de Rosa, provavelmente se comentasse os acontecimentos de Paris, a Comuna dos proletários, mas sem maiores repercussões. O pai de Rosa havia sido educado na Alemanha, era um liberal, mas a hostilidade contra o czarismo, suas convicções democráticas e o amor pela literatura polonesa proporcionariam um ambiente saudável do ponto de vista cultural e aberto aos grandes acontecimentos europeus; inclusive, em casa, o idioma alemão tinha largo uso na leitura e nas conversas diárias.

Entretanto, as lembranças sobre a infância e a primeira juventude de Rosa são poucas, raríssimas mesmo. Será apenas na prisão que a memória vence esta impetuosa mulher que, não obstante, era extremamente discreta em relação a sua própria 'pessoa. Mas, segundo seus irmãos e amigos, ela teve uma infância relativamente feliz, apesar de um diagnóstico errado que recomendava tratamento para tuberculose óssea e que lhe obrigou a ficar um ano de cama e deixou seqüelas para toda a vida. Isto, porém, não alterou as suas características: era uma criança alegre, excepcionalmente esperta e ativa, que ganhava logo a simpatia de todos. Já aos cinco anos, lia e escrevia, e seus primeiros ensaios literários foram enviados a um "jornal de crianças". Desde cedo se manifestou em Rosa uma evidente vocação pedagógica, que lhe seria mais tarde extremamente útil na escola do Partido Social-Democrata Alemão. Sua mãe exerceu uma grande influência tanto sobre ela como sobre seus irmãos e irmãs, pois possuía uma cultura e um espírito aberto muito acima da grande maioria das mulheres judias da época. Apesar do verdadeiro culto que se fazia no lar dos Luxemburgo à poesia alemã e, especialmente, a Schiller, Rosa tinha preferência pelos poetas poloneses clássicos, particularmente Mickiewicz, que ela considerava superior a Goethe. Mais tarde ela falava com grande entusiasmo da poesia russa.

Quando Rosa tinha cerca de três anos, a família se mudou para Varsóvia, pois o velho Luxemburgo queria proporcionar aos filhos uma educação que a pequena Zamosc não poderia oferecer. Para Rosa, a idade escolar teria uma influência decisiva em seu futuro. Ela sempre foi extremamente estudiosa e colocava-se inevitavelmente no primeiro lugar da classe. Mas o regime policialesco do imperialismo russo seguramente colocou a jovem Rosa no caminho da rebeldia. Conta Paul Frölich que "a política czarista de russificação era aplicada de uma maneira draconiana nos estabelecimentos escolares poloneses"¹². Havia uma odiosa discriminação para com os judeus, além de ser rigorosamente proibido o uso da língua polonesa nas escolas primária e secundária. As medidas repressivas naturalmente tinham como contrapartida o crescimento do espírito de rebeldia entre os jovens, e as escolas secundárias tornaram-se focos de conspiração política. A russificação encontrava em seu caminho o nacionalismo polonês, que era o primeiro passo para muitos socialistas

12 Idem, *ibidem*, p. 26.

revolucionários. Logo Rosa se integrou a esta oposição estudantil, o que provocou a recusa da direção escolar em lhe entregar a "medalha de ouro" a que tinha direito por seu desempenho como aluna, já que em todas as matérias recebia sempre as melhores notas. De qualquer forma, logo após completar os estudos secundários, Rosa já era uma ativa militante do Partido Revolucionário Socialista Proletário, colaborando estreitamente com o dirigente do grupo de Varsóvia, o operário Martin Kasprzak. Mais tarde, Rosa fazia uma severa autocrítica do seu primeiro partido, descrevendo o PRSP como "demasiado centralizado e muito parecido com a *Narodnaya Volya*, em sua ênfase no terrorismo"¹³. Entretanto, a ligação política e de amizade com Martin Kasprzak durou até 1905, quando o operário morreu. No início de 1889, Julian Marchlewski, Adolf Warzawski e Bronislaw Wesolowsky fundaram a União dos Trabalhadores Poloneses. Marchlewski passaria para a história do movimento operário polonês e internacional com o "nome de guerra" de Karski e Warzawski com o de Warski. Rosa esteve desde o princípio com os fundadores da União dos Trabalhadores Poloneses, embora só os tenha conhecido formalmente, pois nesse mesmo 1889 ela deixava a Polônia para escapar à deportação para a Sibéria, já que suas atividades nos círculos revolucionários clandestinos tinha sido descoberta. Sua fuga foi organizada por seu velho amigo e camarada Martin Kasprzak.

Assim, Rosa partiu para a Suíça. Ela tinha, então, conhecimentos rudimentares do socialismo científico e de algumas obras menores de Marx e Engels, adquiridos nos dias seguintes à conclusão de seu curso ginasial, em 1887. No entanto, ela já sabia perfeitamente que para absorver com profundidade as teorias marxistas era preciso estudar a sociedade capitalista existente, a economia moderna e a teoria política, o que era impossível de ser feito no império do Tzar. Rosa certamente deveria saber que, na Suíça, ela encontraria alguns dos mais eminentes marxistas. Assim, ela partiu para Zurique como uma jovem estudante exilada, justamente quando o movimento socialista polonês, especialmente entre os jovens, desenvolvia-se rapidamente. E este fato colocava na ordem do dia contatos mais íntimos com dois dos mais importantes partidos da Internacional Socialista, o alemão e o austríaco. Na Suíça, o país mais livre da Europa daqueles anos, existiam outros exilados como Rosa Luxemburgo, jovens preocupados muito mais com o futuro da humanidade do que com seus destinos pessoais, uma espécie de "colônia" onde o homem e a mulher eram igualmente respeitados. Aqueles estudantes trabalhavam seriamente em suas disciplinas universitárias, mas não descuidavam da militância. Ao contrário dos jovens burgueses, não desperdiçavam o tempo em tabernas e festas, mas proporcionavam discussões intermináveis sobre os mais diversos temas, desde o darwinismo até a emancipação da mulher. Obviamente, as idéias e as teorias de Marx eram um dos temas mais apaixonantes. Rosa, porém, não participava desta "boêmia" literária que, segundo ela, não conduzia a nada. Alugou um quarto na casa de Lübeck, um social-democrata alemão muito pobre, que lhe ajudou muito no conhecimento mais aprofundado do movimento operário alemão e colaborou com ela nos seus primeiros trabalhos literários. Na Universidade de Zurique, Rosa se matriculou primeiramente na faculdade de ciências, em razão de sua grande paixão pelas plantas e pelos animais, especialmente os pássaros. Este lado ecológico de Rosa iria acompanhá-la por toda a vida, e serviria de refúgio quando deprimida ou cansada de tantas lutas. Mas a sua vocação era indiscutivelmente a política e ela se transferiu das ciências para o curso de política e economia. Estudou profundamente Smith, Ricardo e Marx, e não poupava o seu professor nesta última matéria, o alemão Julius Wolf, a quem, segundo Frölich, ela permanentemente procurava colocar em situação inferior.

Paralelamente a seus estudos, Rosa militava no movimento operário de Zurique, entrando em contato com os dirigentes socialistas russos Pavel Axelrod, Vera Zassulitch e George Plekhanov. Conheceu também Parvus, que se tornaria célebre por

13 Idem, *ibidem*, p. 41.

ser o autor, juntamente com Trotsky, da tese da *revolução permanente*. Mas, acima de todos, estavam os seus camaradas poloneses com os quais ela manteria uma amizade duradoura até a morte, principalmente Julian Marchlewski (Karski) e Adolf Warzawski (Warski).

Em Zurique, também, a vida pessoal de Rosa Luxemburgo foi definitivamente marcada por Leo Jogiches, que chegou à Suíça em 1890. Jogiches foi um homem excepcional e exerceu uma influência decisiva na vida de Rosa, não apenas a nível pessoal, mas também intelectual e político. Apesar de se saber pouco sobre a vida pessoal de Leo Jogiches, ele não influenciou apenas Rosa, mas o movimento operário russo e polonês, além de ser uma figura de destaque no grupo Espártaco, sendo assassinado em Berlim poucos meses depois do massacre de Rosa e Karl Liebknecht¹⁴. Leo era daqueles revolucionários completos, para os quais o mais importante de tudo é a militância socialista. Mesmo sendo originário de uma rica família judia de Wila (nasceu em 1867), desde que aderiu ao socialismo despojou-se completamente de toda ambição pessoal. Mesmo sua relação com Rosa estava subordinada à causa.

Logo de sua chegada a Zurique, Leo passa a colaborar politicamente com Rosa e, em seguida, tem início uma relação que duraria praticamente toda a vida. Chega a ser curioso como dois temperamentos tão diferentes - Rosa, impetuosa, afirmativa, afetiva; e Leo, inteiramente dureza e disciplina, capaz de sacrificar até mesmo o amor em benefício da causa - puderam se ligar de forma tão intensa. Jogiches, de acordo com Clara Zetkin, que sem dúvida alguma foi quem melhor conheceu a ambos, foi o crítico mais intransigente de Rosa. A obra de Rosa está impregnada das opiniões deste militante invulgar, de grande talento e cultura marxista, que, não obstante, renunciou ao brilho intelectual para ser sempre e unicamente um dirigente revolucionário. De qualquer forma, a julgar-se pela opinião de Clara Zetkin e pelas próprias cartas de Rosa¹⁵, Leo teve grande influência na formação das teorias marxistas de Luxemburgo. Vale a pena citar a opinião de Clara Zetkin, que por muito tempo seria dirigente do Partido Comunista Alemão, sobre Leo Jogiches: "Ele era uma das personalidades masculinas, cada vez mais raras, que podem suportar a seu lado, em uma camaradagem fiel e feliz, uma grande personalidade feminina, sem se sentir inferiorizado por seu crescimento e seu progresso, como se isto significasse um obstáculo a seu próprio eu". Paul Frölich acrescenta que esta camaradagem invulgar existente entre os dois revolucionários permaneceu intacta, mesmo depois que o relacionamento amoroso entre os dois diminuiu e a ligação pessoal terminou. De qualquer forma, é certo que Leo Jogiches teve uma grande participação na obra de Rosa Luxemburgo, embora ele tenha sempre permanecido na retaguarda, sem jamais reivindicar a parte que lhe cabia em uma das mais criativas interpretações do marxismo.

Significativamente, o encontro entre Rosa e Leo dá-se em um momento-chave do socialismo internacional. Um ano antes da chegada de Leo a Zurique, havia sido fundada em Paris a nova Internacional, a Segunda, sob a inspiração de Engels e dos novos partidos socialistas criados a partir do crescimento do movimento operário nos principais países capitalistas. A França havia superado o trauma ocasionado pelo esmagamento da Comuna de Paris. Na Inglaterra, novos sindicatos retomavam a luta de classes. A lei anti-socialista havia sido abolida na Alemanha. Apaixonadas discussões tinham lugar no interior dos partidos socialistas, com uma ala à esquerda, entusiasmada com o vigor do novo movimento operário, e um setor mais reformista, cioso das oportunidades legais que se abriam para a luta socialista nos principais países.

14 Idem, *ibidem*, pp. 34-35.

15 Ver *Camarada e Amante – cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Na Polônia, igualmente, já em 1888, o movimento socialista se encontrava diante de um novo surto de crescimento, mas o partido unificado PPS (Partido Socialista Polonês) logo em seguida sofreria uma cisão, com a formação do Partido Social-Democrata do Reino da Polônia, em cuja direção se encontravam Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches. Mais tarde, o partido de Rosa e Leo se denominaria Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e da Lituânia. Não foi, contudo, um período tranqüilo. Como sempre, as discussões apaixonadas levam a exageros e rompimentos pessoais. Rosa e Leo suportaram inúmeras acusações de seus adversários na social-democracia polonesa. Mas se mantiveram firmes nos princípios que defendiam, e graças a essa firmeza puderam exercer, ambos, uma saudável influência tanto no desenvolvimento das teorias marxistas, como na própria política da Internacional, onde a jovem Rosa despontava como uma das mais brilhantes e promissoras esperanças. Contudo, esse brilho não seria tão polonês quanto o foi alemão, pois seria no mais organizado e mais representativo partido da Internacional que o nome de Rosa Luxemburgo se destacaria como um dos mais importantes do marxismo, particularmente na escola do partido alemão e na revista dirigida por Karl Kautsky, *Die Neue Zeit*. Isto depois de Rosa obter com distinção o título de doutor na Universidade de Zurique, com sua tese sobre a industrialização da Polônia¹⁶.

Jogiches se contentava em dirigir, do exterior ou na clandestinidade, o trabalho ilegal do Partido Social-Democrata polonês. Rosa, porém, queria novas tarefas, um campo maior de ação onde ela pudesse expor e desenvolver o que havia em sua mente fervilhante. Parvus e os poloneses Warski e Karski, seus melhores amigos, incentivaram-na a se integrar à social-democracia alemã, onde o socialismo e o marxismo encontravam um inusitado e impressionante florescimento. Rosa tinha, porém, um obstáculo pela frente: as leis alemãs proibiam terminantemente a ação política de estrangeiros. Não houve outro recurso a não ser proceder a um casamento formal com Gustav Lübeck, filho de seus hospedeiros em Zurique, Karl e Olympia. Assim, ela adquiriu a nacionalidade prussiana, estando pronta para intervir no partido marxista mais importante do mundo. E desde sua chegada a Berlim, em 1898, arregaçou as mangas e se colocou à disposição do partido, participando de comícios e reuniões sem descanso. Gostava do trabalho de agitação e propaganda e chegou a escrever sobre isso a seu companheiro Jogiches, mas o que realmente desejava era participar da imprensa socialista. Os comícios e as reuniões com os operários alemães inclusive lhe proporcionaram uma visão crítica dos artigos que se publicavam nos jornais do partido. Em uma carta datada desta época a seus amigos Robert e Mathilde Seidel, ela afirma que "não estava satisfeita com a forma em que são escritos os artigos no partido; tudo é convencional e estereotipado... Acredito que cada vez, cada dia, para cada artigo, devemos viver e sentir a fundo os fatos".

Com esta visão da imprensa socialista daquele tempo, Rosa ganhou rapidamente o seu espaço. Já em Zurique ela havia se relacionado através de cartas com Kautsky, então o grande mestre do marxismo alemão e internacional. A relação epistolar transformou-se em grande amizade entre ela e o "velho", e novos amigos surgiram: August Bebel, Paul Singer, Franz Mehring e, acima de todos, Clara Zetkin, a quem logo se uniu por uma identificação imediata de espírito e temperamento. Clara Zetkin, aliás, foi uma das primeiras marxistas que se interessou pelo problema específico das operárias e das mulheres, sendo a relatora da questão feminina no Congresso de Fundação da Internacional, em 1889. Suas teses inspiraram durante muitos anos a política socialista em relação às mulheres e ainda hoje possuem inquestionável atualidade. Parvus colocou Rosa em contato com Bruno Schoelanck, fundador e diretor do *Leipziger Volkszeitung*, que revolucionou a imprensa socialista, liberando-a de sua estreiteza e elevando o seu nível cultural e intelectual. A união entre

16 Rosa Luxemburgo, *El Desarrollo Industrial de Polonia*, México, Cuadernos de Pasado y Presente, nº 71, 1979.

Rosa e Schoelanck foi perfeita. Este possuía uma imensa cultura econômica e histórica. Era ativo e sensível para os fatos. Rosa, porém, possuía mais firmeza teórica e tinha os horizontes mais amplos. Enxergava além dos acontecimentos, percebendo as suas tendências e suas linhas- mestras. E foi no *Leipziger Volkszeitung* que Rosa começou a ser lida e respeitada na alta cúpula da social-democracia alemã. Logo o partido percebeu que não estava diante de um simples brilho tão comum nos jovens intelectuais que vinham para o partido e logo se afastavam. De imediato, Rosa impressionou por sua solidez teórica, pela firmeza de sua argumentação e por seu estilo cativante que já nas primeiras linhas revelava um ardor e uma disposição de combate inflexíveis. Assim, por exemplo, o culto Franz Mehring mais de uma vez foi obrigado a modificar seus pontos de vista, após conhecer a contra-argumentação de Rosa. O próprio Kautsky viria a admitir que as suas primeiras simpatias pelos bolcheviques logo após a revolução de 1905 na Rússia surgiram em consequência de suas conversas com Rosa.

Um fato merece registro a respeito desse período. Rosa, é verdade, encontrou uma acolhida simpática em todo o partido. Mas sentia alguma resistência que ela confessou ao velho Bebel com evidente amargura. Esta resistência ela não percebia apenas entre os adversários de suas idéias originais e revolucionárias. Acreditou, a princípio, que a desconfiança entre os socialistas alemães se devia ao fato de que ela era uma estrangeira. Entretanto, compreendeu que era pior do que isso. Não era por sua juventude, nem pelo fato de ser polonesa que os "grandes" do socialismo marxista mostravam reticência em relação a sua pessoa. A resistência era em relação à mulher, esta ousada mulher que discutia em pé de igualdade com os homens, que mostrava mais compreensão do marxismo do que eles.

No famoso *Vorwärts*, por exemplo, estabeleceu-se uma violenta polêmica entre Rosa e Georg Gradnauer, deputado de Dresde ao Reichstag. Este atacou Rosa com termos tão violentos quanto pobres em argumentação. Rosa não ligou para a condição de deputado de Gradnauer e respondeu com objetividade, mas sem a menor delicadeza. O setor do partido que controlava o *Vorwärts* censurou Rosa e proibiu-lhe responder aos ataques do deputado. A surpresa foi geral quando a jovem Rosa não se submeteu.

Entretanto, instalada em Berlim, Rosa dedicava seu trabalho à revista teórica do partido, a *Neue Zeit*, de Kautsky, e ao jornal dirigido por Schoelanck, ao lado de brilhantes colaboradores. Entre todos eles, porém, Rosa se destacava. Era ela quem imprimia ao *Leipziger Volkszeitung* o seu caráter marxista, e graças a ela o jornal rapidamente se tornou um dos mais importantes e disputados entre a vigorosa imprensa socialista na Alemanha.

Reforma social ou revolução?

No final do século XIX, quando Rosa já tinha ocupado o seu espaço no partido e

na Internacional, tem início a grande polêmica em torno do *revisionismo*. A própria Rosa muitos anos mais tarde (1916) vai colocar em relevo no célebre *Folheto Junius (A crise da social-democracia)* as bases materiais que possibilitaram o surgimento da corrente *revisionista* no seio do socialismo marxista. Era o início da época imperialista do capitalismo, particularmente na Alemanha, "onde podia ser observado em estado puro". E Rosa acrescenta: "O desenvolvimento ímpar da grande indústria e do comércio produziu (na Alemanha) duas formas características e originais de acumulação do capital: a maior concentração de cartéis da Europa e o maior desenvolvimento com a maior concentração de bancos de todo o mundo. A primeira característica tornou a indústria pesada, isto é, precisamente o setor capitalista diretamente interessado nas inversões do Estado, de equipamento militar e de empresas imperialistas (como a construção de ferrovias, exploração de jazidas minerais etc.), o fator mais influente no Estado. A segunda reuniu e concentrou o capital financeiro num poder único, dotado da maior energia, um poder que impunha sua lei à indústria, ao comércio e ao crédito, decisiva tanto no setor privado como no setor estatal da economia, capaz de se expandir sem limites e por saltos, sempre esfomeado de lucro e de atividade, impessoal e por conseguinte com visão ampla, audacioso e sem escrúpulos, internacional desde sua origem, pronto para tornar o mundo como teatro para suas atividades"¹⁷.

Rosa traçou um quadro preciso da nova fase do capitalismo, mas já naquela época, quando começa a polêmica revisionista, em 1898, as características essenciais haviam sido delineadas por marxistas eminentes, nos notáveis trabalhos teóricos de Kautsky e de Parvus, nos discursos de agitação do velho Wilhelm Liebknecht e da então jovem Clara Zetkin.

Na social-democracia alemã, um dos mais prestigiados líderes e teóricos era Eduard Bernstein, considerado o herdeiro político e intelectual do próprio Engels. Bernstein se propunha revisar as velhas teses do socialismo alemão, elevando à estatura de princípios teóricos toda uma prática que vinha sendo levada a cabo durante muitos anos pelo partido socialista. Em seus artigos publicados na revista *Die Neue Zeit* - "Os problemas do socialismo"¹⁸ - e posteriormente no livro *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia*, Bernstein não apenas procurou modificar a tática do partido, mas também demonstrar que muitas das teses de Marx e Engels tinham sido desmentidas pela prática. Seu objetivo, portanto, era o de adequar o programa socialista ao que ele julgava ser a nova realidade que havia desmentido Marx e Engels em vários aspectos, entre os quais a diminuição das crises periódicas do capitalismo, o crescimento das classes médias e, portanto, o desmentido sobre a proletarianização cada vez maior da sociedade. As teses de Bernstein pareciam ter amparo tanto na nova realidade capitalista, que experimentava um novo surto de desenvolvimento e prosperidade, como na legalidade burguesa que dava aos socialistas a possibilidade de crescer "dentro da ordem". E saliente-se que a social-democracia alemã experimentava nessa época um crescimento vertiginoso. Os três principais opositores das teses de Bernstein na polêmica revisionista eram Kautsky, o mais prestigiado de todos os teóricos marxistas e guardião da "ortodoxia", o brilhante e promissor Parvus e, naturalmente, Rosa Luxemburgo. Os três abriram as baterias contra o curso revisionista, que, porém, encontrava um forte apoio entre as lideranças do movimento sindical do partido. Ainda que os trabalhos de Kautsky e Parvus tivessem uma enorme importância, constituindo-se até hoje num precioso patrimônio teórico do movimento operário internacional, a resposta que realmente marcaria a tendência anti-Bernstein foi o livro de Rosa, *Reforma social ou revolução?*, que se tornou um verdadeiro clássico da literatura marxista. Rosa critica Bernstein por seu

17 *A crise da social-democracia*, Lisboa, Presença, Biblioteca de Ciências Humanas, 1974.

18 Eduard Bernstein, *Las Premisas del Socialismo y Las Tareas de La Socialdemocracia. Problemas del Socialismo. El Revisionismo en La Socialdemocracia*, México, Siglo XXI, 1982. *Socialismo Evolucionário*, Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

esquematismo, que opõe rigidamente a reforma e a revolução¹⁹. A famosa tese de Bernstein - "o movimento é tudo, o objetivo final nada é" - significava na prática o abandono das verdadeiras metas dos socialistas - a socialização dos meios de produção - e sua substituição por reformas progressivas dentro do sistema capitalista. Rosa não aceita o rígido esquematismo de Bernstein, ou seja, a alternativa entre reforma ou revolução. Para ela, as reformas - ou principalmente a luta pelas reformas - constituem um valioso instrumento não apenas para a ampliação dos direitos da classe trabalhadora, como uma poderosa alavanca para a formação de sua consciência de classe, para a sua unidade e para o aperfeiçoamento de suas formas de luta. As reformas, porém, afirma Rosa, não anulam a necessidade da revolução socialista, pois, apesar de melhorarem as condições de vida do proletariado e fortalecerem as suas organizações, não alteram substancialmente o sistema de exploração capitalista. A contradição fundamental - a oposição e os interesses antagônicos entre o capital e o trabalho - permanece intacta.

A polêmica com Bernstein é extremamente rica e sempre que se abre um período de debates e discussões sobre a tática e a estratégia do movimento operário, as referências à polêmica revisionista são inevitáveis. E mais do que os trabalhos teóricos de Kautsky e Parvus, a obra de Rosa tornou-se para a ala esquerda do movimento socialista até hoje uma inesgotável fonte de argumentos e de compreensão da dialética marxista, ao situar corretamente o sentido revolucionário da luta pelas reformas. Isto é: movimento e objetivo final formam uma unidade.

A resposta de Rosa Luxemburgo às teses de Bernstein causaram impacto na social-democracia e aumentaram ainda mais o seu prestígio entre a conceituada elite de intelectuais marxistas da Alemanha. Seu biógrafo, Paul Frölich, destaca algumas das razões do sucesso de Rosa no plano da luta teórica: "Em todas as discussões teóricas e políticas, o método de Rosa era de fato característico: ela nunca parte de proposições acabadas para as quais ela vai buscar as provas. Nunca se socorre de autoridades reconhecidas, a não ser raramente, e é totalmente contrário à sua maneira de pensar a exposição dogmática das idéias a partir de citações dos mestres. Ela procura, antes de tudo, descobrir na realidade as tendências da evolução social a fim de que a ação do movimento operário venha a se inserir com a maior eficácia possível no curso da história". E mais adiante: "Rosa Luxemburgo era uma adversária resoluta de todo empirismo em matéria de convicção e de ação políticas. Sua atividade política e a do partido deveriam obedecer a uma vontade de conhecimento científico. Sua ferramenta era o método de Marx. Como ele, ela via na história um processo no qual as forças de classes lutam pela defesa de interesses originários da evolução de relações econômicas objetivas. O marxismo para ela não era um modelo teórico acabado, que permitisse resolver todas as questões de uma vez por todas. Antes, a tarefa consistia em reexaminar, a cada etapa da evolução, o curso seguido pelas transformações econômicas e seus efeitos sobre os interesses, as concepções, os objetivos e a atividade política dos grupos sociais, a fim de apreender através do pensamento o processo em seu conjunto e tomar, em cada situação, as decisões políticas corretas. Ela achava que a atitude moral e política da classe operária nas situações particulares era, também, essencialmente determinada por este processo global".

Muitas das teses que Rosa iria desenvolver mais tarde e que lhe conferem uma posição singular nos meios marxistas já se encontravam em germe neste pequeno e fascinante livro contra Bernstein. Assim, por exemplo, a sua teoria do *colapso* do capitalismo, que seria desenvolvida em sua obra de maior fôlego, *A acumulação do capital* ou suas teses sobre as relações entre a consciência de classe e o partido

19 Rosa Luxemburgo, *Reforma social ou revolução ?*

revolucionário, que iriam se aprofundar no debate com Lênin e após a revolução russa de 1905, que deu origem ao ensaio *Greve de massas, partido e sindicatos*.

Entretanto, *Reforma social ou revolução?* valeu a Rosa as acusações de ser excessivamente fatalista, por sua ênfase na lógica da história e nas relações econômicas entre as classes. Mas, para Rosa, como para Marx e Engels, as relações econômicas eram a *forma* atrás da qual se escondiam relações entre classes e, portanto, relações humanas. Relações de luta, mas *relações humanas*, ou seja, entre homens colocados em um e outro pólo da sociedade capitalista. Mais tarde seria possível perceber que muito mais deterministas e fatalistas eram os que acusavam Rosa de assim proceder teoricamente. Por outro lado, alguns de seus aliados na luta contra Bernstein, como Kautsky, por exemplo, tinham uma visão filosófica muito mais determinista do que seria possível supor nos textos de Rosa, e foi exatamente o kautskismo a corrente marxista responsável pelo fatalismo e pelo determinismo que caracterizaram a prática da Segunda Internacional, servindo, inclusive, para a justificação teórica daquilo que Lênin viria a chamar de "oportunismo" de Kautsky, isto é, uma teoria "ortodoxa" acobertava uma prática exatamente no sentido do "socialismo evolucionário" proposto por Bernstein.

Reforma social ou revolução? foi, assim, o texto que colocou Rosa no primeiro plano do marxismo internacional. É importante não esquecer que os nomes sagrados da Internacional e do socialismo alemão, como Kautsky, Wilhelm Liebknecht e Bebel, hesitaram muito - e até mesmo eram contrários - a abrir uma polêmica pública e aberta contra Bernstein. A polêmica, porém, estava aberta e logo em seguida grande parte dos socialistas alemães nela estariam participando, com destaque especial para o próprio Karl Kautsky, que se apresentou como o grande defensor da pureza do marxismo e o contestador do revisionismo.

É inegável que os trabalhos de Kautsky foram importantes neste debate. Muitos deles contribuíram inclusive de forma decisiva para o próprio desenvolvimento da teoria marxista e constituem até hoje um patrimônio de todo o movimento socialista. Basta lembrar o fato de que, Lênin, por exemplo, nessa época, tinha Kautsky em grande estima e o considerava o mais importante entre os marxistas. As primeiras obras de Lênin, como *Que fazer?*, estão impregnadas da influência de Kautsky, como de resto a maior parte dos socialistas russos. A tese defendida por Lênin de que são os intelectuais originários da burguesia os que levam a ciência marxista para o movimento operário, ou seja, a de que a consciência socialista vem de fora para dentro do movimento operário, é nitidamente kautskista²⁰. Seria equivocado, portanto, negligenciar a participação de Kautsky na polêmica contra o revisionismo de Bernstein. Podemos ousar até mesmo a afirmação de que se Kautsky, com todo o seu peso intelectual, não tivesse se colocado contra Bernstein e ao lado, portanto, de Rosa Luxemburgo, talvez o livro desta última não tivesse a repercussão que teve.

No entanto, o citado livro de Rosa Luxemburgo, no que diz respeito à compreensão da dialética marxista, das relações entre as reformas e a revolução, na consciência de classe, na questão essencial do poder, estava muito acima, do ponto de vista teórico, das formulações kautskistas. As questões colocadas por Rosa permanecem ainda hoje com uma impressionante atualidade.

20 Karl Kautsky, *Les Trois Sources du Marxisme – L'Oeuvre Historique de Marx*, Paris, Spartacus, 1969. V. I., Lênin, *Que Fazer ?*, in *Obras escolhidas*, São Paulo, Alfa-Omega, 1979, Vol. I.

A contribuição para a teoria

Assim, desde *Reforma social ou revolução?*, Rosa Luxemburgo está na primeira linha entre os grandes teóricos marxistas do socialismo internacional. A partir desta obra começaria a surgir uma nova fonte para o revigoramento do marxismo, a partir de uma posição diametralmente oposta à de Eduard Bernstein. Este, como vimos, procurava demonstrar as insuficiências do marxismo diante da nova realidade capitalista, propondo uma tática meramente reformista para o partido socialista e abandonando completamente a perspectiva revolucionária.

Rosa, ao contrário, situava-se cada vez mais na perspectiva revolucionária. Mas pensava também que os textos de Marx e Engels não deviam ser lidos como se fossem uma bíblia. As novas condições exigiam novas formulações teóricas a partir do método fundado por Marx e Engels, e esse método era revolucionário, essencialmente revolucionário. Nisso ela se diferenciava muito de Kautsky. O grande pensador marxista tinha uma inequívoca tendência para a ortodoxia. Ele próprio se orgulhava de ser chamado de "guardião zeloso" das teses de Marx e Engels. Não era esse o caso de Rosa. Sua obra seria uma contínua interpretação original da política, da luta de classes, do imperialismo e da acumulação do capital, da questão nacional, do partido da classe operária etc.

John Knief, num curto mas brilhante ensaio²¹, resume assim a temática luxemburguista: "Todos os temas e teses de Rosa Luxemburgo sobre o triplo plano da teoria e da política socialista, a saber a teoria *strictu sensu* (os princípios e sua formulação programática), a política propriamente dita (estratégia e tática da luta de massas); a organização (teoria e prática organizativas) se colocam em torno de um duplo eixo:

- Por um lado trata-se de um problema de *consciência de classe*: da tomada de consciência de uma fração cada vez maior do proletariado e de um aprofundamento gradual desta consciência de classe por um enfrentamento tão amplo quanto possível entre o partido (de massa) e a sociedade (burguesa) - assim a esfera de ação só pode ser' a mais ampla possível e deve incluir todos os setores da vida social (e cultural). Daí, entre outras coisas, a curiosidade insaciável de Rosa Luxemburgo e em consequência disso a sua riqueza excepcional como pessoa, que espantou os seus contemporâneos e lhe granjeou tantas amizades de uma qualidade rara e durável.

- O outro eixo é a sua insistência sobre a *ação*: sobre o movimento real das massas que, quase sempre, ultrapassa o 'conservadorismo do aparelho' dos dirigentes partidários (e mais especificamente da direção da social-democracia alemã, partido-tipo e modelo da Segunda Internacional) e dos sindicatos. A partir das lutas belgas, suecas, holandesas e, depois, as italianas, seguidas pela onda de greves políticas da primeira revolução russa (de 1905), Rosa Luxemburgo podia concretizar as suas teses, suas novas teorias concretas, que ela opunha à greve geral (economicista) dos anarquistas. Ela substituíra as perspectivas escatológicas dos anarcossindicalistas por

21 "Rosa Luxemburg Vivante", in *Partisans*, nº 45, Paris, dez/jan. 1969.

uma teoria da dinâmica político-social, uma nova realidade de luta de massas: de greves políticas e político-econômicas de massas que englobavam os sindicatos e o partido em uma unidade superior: a luta concreta por uma revolução social, cuja primeira fase seria o enfrentamento generalizado contra o Estado burguês.

"É por isso que Rosa Luxemburgo, em todas as suas análises (e polêmicas) sobre o papel da organização (inclusive sua construção) nunca parte do partido, mas da interação entre o movimento global da classe operária e o grau possível, em um dado momento, de sua consciência de classe. Para ela, o partido, esta escola coletiva de militantes conscientes, deve estar, por suas palavras de ordem, sempre um passo adiante da massa do proletariado.

"Esta é também a razão pela qual a espontaneidade sobre a qual ela sempre insistiu não é a espontaneidade 'anarquizante' *contra* a organização, mas a espontaneidade necessária *no* partido de massas. Isto é, em última análise através das *relações entre massas-militantes-e-direção!*

"Tomemos Lênin como testemunha, seu grande adversário a respeito da teoria da organização, da 'construção' do partido: em suas 'Notas de um publicista' (1922), onde ele enumera os erros de Rosa Luxemburgo, não há o menor traço de 'reprimenda espontaneísta'".

Não obstante, esta tem sido sempre a maior crítica - e em alguns casos "acusações"- que se faz à teoria luxemburguista das relações entre partido e massas.

Espontaneísta, Rosa?

Se assim fosse, ela não daria tanta importância ao partido e à militância política, nem se preocuparia tanto em procurar uma fundamentação teórica para o partido socialista do proletariado. O que caracteriza Rosa Luxemburgo - e nisso ela está muito próxima de Karl Marx - na questão do partido proletário é a ênfase que ela coloca no movimento espontâneo das massas operárias e o aspecto objetivo da luta de classes. Independentemente da existência ou não do partido proletário, operários e burgueses se enfrentam nas relações de produção. Não é isso que Marx escreveu durante toda a sua vida, independentemente se se tratava do jovem Marx ou Marx da "maturidade", o "Marx de *O capital*"? Assim, não é o partido socialista que cria a luta de classes, mas, ao contrário, é a luta de classes que cria o partido socialista. Aliás, isso é óbvio e todos os marxistas admitem isso. Mas as correntes centralistas, tanto as leninistas como as social-democratas, tanto valorizaram o papel do partido no processo da luta de classes, que o movimento real das massas, de acordo com a expressão de Marx, acabou quase esquecido ou, na melhor das hipóteses, como um aspecto secundário, que poderia ser acionado sempre que as direções o quisessem.

No panorama socialista de fins do século passado e início do atual, antes de 1914, Knief aponta três tipos de partido socialista com os quais Rosa Luxemburgo se confrontou quando elaborou as suas próprias teses sobre a questão da organização²². Esquemáticamente eram esses:

O *tipo alemão*: partido de massas, altamente estruturado e burocratizado, com uma unidade mais aparente do que real.

O *modelo francês*: que era um pouco estruturado, com várias correntes, entre as quais o "guesdismo" (corrente proletária e de tendência revolucionária); o "jauresismo" (de

22 Idem, *ibidem*.

tradição jacobina e com posições social-pacifistas); o "blanquismo" (a tradição revolucionária *putschista*); os "abertamente oportunistas" (reformistas, municipalistas); e os *independentes* (personalidades políticas).

O *modelo russo-polonês*: partidos de quadros, fortemente estruturados.

As proposições teóricas de Rosa Luxemburgo não se enquadravam em nenhuma destas três perspectivas de organização do partido socialista. Embora, como já afirmamos, desde *Reforma social ou revolução?* ela tivesse em germe as suas teses sobre organização, será a própria vida que lhe oferecerá os elementos para uma elaboração sofisticada e complexa teoricamente da necessidade histórica do partido socialista e das relações entre este e as massas, a partir de um requisito fundamental que é a luta de classes, a qual proporciona, os elementos essenciais para o surgimento da consciência de classe. As teses de Rosa vieram a se aprofundar na medida mesma em que as lutas de classe e a discussão sobre o partido na imprensa socialista internacional se tornaram mais intensas. Dois fatos foram decisivos para a elaboração acabada das teses de Rosa a respeito: a discussão no partido socialista russo, o POSDR, sobre as teses de Lênin e a ruptura que surgiu em consequência delas, e a revolução russa de 1905, quando o proletariado, depois de sucessivas ondas de greves de massas, criou, de forma espontânea, os conselhos operários.

A greve de massas ocupa um lugar especial na teoria de Rosa Luxemburgo sobre a consciência de classe. Aliás, não apenas para Rosa. O debate a respeito da greve como arma econômica e política da classe operária galvanizou os militantes da Segunda Internacional, especialmente entre os socialistas alemães. O debate sobre a greve terá uma significação decisiva para a teoria luxemburguista das relações entre o partido e a classe, embora só a partir de seu ensaio *Greve de massas, partido e sindicatos* a questão tenha um tratamento definido, a partir da experiência do proletariado russo em 1905. No entanto, já em 1901-1902 Rosa esboça as suas posições a esse respeito em um notável debate com Karl Kautsky nas páginas de *Die Neue Zeit*. O motivo da polêmica foi a frustrada greve geral belga pela conquista do voto universal e igualitário²³. O que chama a atenção neste debate é o posicionamento de Rosa Luxemburgo em relação a Kautsky. Com efeito, Rosa teve mais perspicácia do que Lênin para detectar que a "ortodoxia" de Kautsky encobria, na realidade, uma prática política que em nada se diferenciava das teses propostas por Bernstein. Lênin só romperá com Kautsky quando a social-democracia alemã capitular diante do imperialismo, votando os créditos para a guerra mundial.

Outro aspecto, interessante a se registrar é que mais uma vez o arguto Parvus, já em 1895-1896, antecipava as posições que seriam assumidas por Rosa a respeito da greve política de massas. Fica evidente, pela leitura do texto de Parvus, *Golpe de Estado e greve política de massas*²⁴, que Rosa foi influenciada por ele .

Entretanto , será a revolução russa de 1905 que oferecerá a Rosa o material vivo em torno do qual ela construirá definitivamente a sua teoria sobre as relações entre as massas e o partido revolucionário. Ela percebe com mais profundidade do que qualquer outro marxista da época a *novidade* representada pelo proletariado russo e seus órgãos de poder, assim como o significado da greve de massas. E Rosa faz questão de separar a sua teoria sobre a greve de massas das teses anarquistas: "A Revolução russa, esta mesma revolução que constitui a primeira experiência histórica da greve geral, não apenas não constituiu uma reabilitação do anarquismo, como equivale a uma *liquidação histórica do anarquismo*"²⁵.

23 Parvus, Frölich, Vandervelde, Mehring, Luxemburgo, Kautsky, *Debate sobre La Huelga de Masas – Primera Parte*, México, Cuadernos de Pasado y Presente, nº 62, 1978.

24 *Golpe de Estado y Huelga Política de Masas*, in Parvus et alii, *Debate sobre La Huelga de Masas*, cit.

25 Rosa Luxemburgo, *Grève de Masses, Parti et Syndicats*, cit., p. 9.

Para Rosa, a revolução socialista difere fundamentalmente da revolução burguesa, por seus métodos e por sua tática. Ou seja, a revolução burguesa poderia ser dirigida por um grupo decidido de homens, colocados à frente das massas: o jacobinismo. Na revolução socialista, são as massas operárias que se autodeterminam e o papel do partido socialista seria precisamente o de abolir a velha contradição entre "dirigentes" e "massa dirigida". Assim, ainda que a revolução de 1905 tenha proporcionado a Rosa os elementos definitivos para a elaboração de sua teoria revolucionária a respeito do partido e da ação espontânea da classe trabalhadora, nas suas críticas a Lênin já estavam contidos os fundamentos de sua posição a esse respeito. Não se deve, porém, examinar a polêmica Rosa-Lênin unicamente através dos princípios abstratos da teoria. Michael Löwy, num excelente ensaio intitulado "Consciência de classe e partido revolucionário", coloca a questão corretamente, examinando do ponto de vista histórico, a partir das condições materiais em que cada um por seu lado elaborou a teoria do partido revolucionário²⁶. Na verdade, tanto Rosa como Lênin destacam o papel do partido como fundamental no processo de emancipação da classe trabalhadora. Entretanto, Lênin elabora a sua teoria contida em seu célebre *Que fazer?* nas condições específicas do movimento revolucionário no império da Rússia czarista, na qual havia um proletariado fortemente concentrado, mas ainda quantitativamente minoritário numa vasta população de imensa maioria camponesa, sem uma tradição de luta, sem uma história de lutas legais, sem sindicatos e com pouca cultura. A Rússia, por outro lado, ainda não havia realizado a sua revolução burguesa e todo movimento revolucionário precisaria levar em conta como aspecto fundamental de sua tática e de sua estratégia esta questão decisiva - a das tarefas democrático-burguesas da revolução. Löwy, portanto, está certo quando afirma que "o caráter explicitamente minoritário do partido bolchevique seria um reflexo do caráter igualmente minoritário do próprio proletariado urbano da sociedade russa do começo do século - ao contrário do Partido Social-Democrata Alemão, partido de "massas" cuja natureza decorria de grande peso específico do proletariado industrial na estrutura social da Alemanha"²⁷. Além disso, salienta ainda Löwy, o caráter "restrito, profissional e pouco democrático da organização partidária seria, segundo repetidamente o afirma o próprio Lênin, imposto pelas exigências da luta clandestina, face à ininterrupta repressão policial do regime autocrático czarista".

As teses de Rosa colidem frontalmente com as de Lênin quanto à questão do partido. Nos seus artigos publicados em *Die Neue Zeit*, em 1903 e 1904, "Centralismo e democracia" e "Massas e chefes", que precedem a *Greve de massas, partido e sindicatos*, Rosa coloca a ênfase na capacidade revolucionária da classe operária. Segundo ela, o papel dos dirigentes e do partido socialista seria precisamente o de fazer as massas se conscientizarem de seu papel histórico-revolucionário, o que significava também despertar a capacidade do proletariado em se autodeterminar, em agir por si mesmo. Assim, se Lênin propunha um partido centralizado, adequado às condições russas, a proposta luxemburguista ocorria em um cenário totalmente diferente, onde o proletariado havia construído o grande partido da Internacional, um partido de massas, onde a luta legal já fincara raízes profundas, com sindicatos fortes e uma representação parlamentar que despertava o maior otimismo entre os conceituados dirigentes marxistas que viam a possibilidade da social-democracia e do proletariado alemão chegar ao poder pela via eleitoral.

Rosa, portanto, não apenas tinha diante de si as imensas potencialidades da classe operária alemã, como, ao contrário de Lênin, via na organização centralizada do Partido Social-Democrata e no comportamento de seus dirigentes uma tendência dominante e indistigável para o conservadorismo e o burocratismo. Aliás, esta

26 "Consciência de classe e partido revolucionário", in *Revista Brasiliense*, nº 41, São Paulo, maio/jun., 1962.

27 Idem, *ibidem*.

característica de "desconfiar" da direção partidária era comum à ala esquerda da social-democracia. Rosa, porém, construiu uma teoria complexa a respeito, fazendo a distinção entre a consciência *teórica latente*, ou, diríamos, a *consciência teórica possível*, que determina o movimento operário durante o período de dominação do parlamentarismo burguês, e a consciência *prática e ativa*, que surge no processo revolucionário, quando a própria massa, e não somente o partido e seus dirigentes, irrompe no cenário político e social, formando a consciência crítica e revolucionária na própria *práxis*, como ocorreu na revolução russa de 1905, como teria acontecido na Comuna de Paris e como ainda haveria de suceder na própria Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial.

As divergências entre Rosa Luxemburgo e Lênin sobre o papel e a forma de organização do partido socialista ainda não foram resolvidas pela história. Continuam ainda a ser tema de prolongadas discussões e debates entre setores da esquerda, sendo que o mais proveitoso debate ocorreu no fim dos anos 60 e início da década de 70, especialmente logo após o Maio de 68 francês, quando a oposição entre espontaneidade e centralismo voltou a ser colocada com toda a radicalidade.

A saudosa revista *Partisans*, de Paris, dedicou em janeiro de 1969 uma edição especial a Rosa Luxemburgo, e entre vários ensaios e textos de Rosa e Karl Liebknecht, destacava-se o de Daniel Bensaid e Alain Naïr, intitulado "A propos de la question de l'organisation: Lénine et Rosa Luxemburg"²⁸. O texto é significativo porque supera o debate improdutivo de outros tempos, se é que aquilo poderia ter sido chamado de debate. Bensaid e Naïr buscam uma compreensão mais ampla do problema e ainda que se coloquem a partir de um ponto de vista estritamente "leninista", propõem problemas interessantes que chegam a se voltar contra a própria tese dos autores do ensaio, que é claramente a defesa das posições de Lênin. Em todo caso, o texto citado vai mais além daqueles que se propuseram, como o comunista conselheiro Paul Mattick²⁹ ou o libertário Daniel Guérin³⁰, a um antileninismo radical e inconciliável. Aliás, o próprio processo revolucionário acabou por demonstrar que as posições de Lênin e Rosa estavam no mesmo campo. Não é gratuito o fato de que ela e Liebknecht tenham ambos sido fundadores do Partido Comunista Alemão e tenham ficado ao lado dos bolcheviques de Lênin quando a guerra mundial obrigou os revolucionários marxistas a lutarem por uma nova Internacional, na qual o *Spartakusbund* teria uma função decisiva, como o núcleo mais combativo do nascente Partido Comunista Alemão.

Mas se o debate teve repercussões muitos anos depois, ainda nos anos 70³¹, parece-me que ainda hoje o texto mais completo sobre a questão do partido ainda é o de Georg Lukács, na sua decisiva obra *História e consciência de classe*. Para Lukács, "a questão da organização de um partido revolucionário só poderá ser desenvolvida a partir de uma teoria da própria revolução. Apenas quando a revolução entra na ordem do dia, a questão da organização revolucionária faz a sua irrupção com uma necessidade imperiosa na consciência das massas e de seus porta-vozes teóricos". O autor de *História e consciência de classe*, a rigor, busca uma síntese teórica entre as posições de Lênin e Luxemburgo. Para ele, o erro fundamental do espontaneísmo luxemburguista é estipular que a conscientização não passa de uma mera atualização de um conteúdo já latente, desconhecendo a "contaminação ideológica" do

28 *Partisans*, nº 45.

29 Paul Mattick, *Integração capitalista e ruptura operária*, Porto, A Regra do Jogo, 1977. Particularmente os ensaios contidos neste livro intitulados "As divergências de princípio entre Rosa Luxemburgo e Lenine" e "Espontaneidade e organização".

30 Daniel, Guérin, *Marxismo y Socialismo Libertário*, Buenos Aires, Proyección, 1964.

31 Rossana, Rossanda, *Il Manifesto. Tesis de una Disidencia Comunista*, México, Era, 1973. Particularmente os ensaios "Sobre El Partido: 1. De Marx a Marx", p. 237, e "Sobre El Partido: 2. Masas, Espontaneidad, Partido", p. 252.

proletariado, em virtude da qual, mesmo durante as piores crises econômicas, certas camadas da classe operária permanecem ao lado da classe dominante e do regime vigente. Segundo Lukács, as ações espontâneas de massa são a expressão psicológica das leis econômicas, mas a verdadeira consciência de classe não é efeito automático da crise objetiva³². Para Lukács, pois, o partido é a forma mais alta de consciência de classe; é ele, o partido do proletariado, o mediador entre a teoria e a prática, o que concentra a consciência histórica e, portanto, os interesses mais elevados da classe revolucionária. No entanto, Rosa tem razão ao criticar com dureza os que pretendem colocar o partido no lugar das massas, superestimando o papel da organização. A criação do sujeito revolucionário necessita da organização, mas a permanente separação entre partidos e massas, entre dirigentes e massas dirigidas, tem conseqüências trágicas para a revolução socialista. Antes e depois de sua realização.

Mas se a questão da consciência de classe é um aspecto, central do pensamento de Luxemburgo, e nesse tema são imensas as suas contribuições para o desenvolvimento da teoria marxista, Rosa talvez tenha escrito mais sobre a questão nacional do que qualquer outro tema de sua vasta bibliografia. Havia um dado objetivo para isso: mesmo que tenha vivido a maior parte de sua vida política envolvida com o socialismo alemão, Rosa jamais abandonou a Polônia e tinha uma influência decisiva, junto com Leo Jogiches, na formulação das concepções e da tática do partido dos marxistas poloneses, o SDKPiL. Nessa questão residem, na verdade, as suas maiores divergências com Lênin e a maioria dos bolcheviques e ela centraliza efetivamente todas as objeções às teses marxistas de Lênin e, em certa medida, dos austromarxistas como Karl Renner e Otto Bauer³³. O ponto central das divergências diz respeito ao direito das nações à autodeterminação. Rosa, como afirma Mary-Alice Waters³⁴, foi até o fim de sua vida uma adversária irredutível das teses leninistas e austromarxistas sobre o significado revolucionário das lutas das minorias nacionais oprimidas e das nações pela autodeterminação. Entre os seus vários textos sobre o problema, sem dúvida alguma o mais importante é "A questão nacional e a autonomia"³⁵, a respeito do qual Lênin afirmaria em 1914, polemizando com os vários adversários marxistas de suas teses sobre a autodeterminação das nações oprimidas, que "todos eles se limitam a repetir o que foi dito por Rosa Luxemburgo em seu longo artigo polaco de 1908-1909: *A questão nacional e a autonomia*"³⁶. Mesmo assim, Mary-Alice Waters afirma que a essência das posições luxemburguistas sobre a questão nacional encontra-se no *Folheto Junius* e na parte de *A Revolução Russa* dedicada a este tema. Não há dúvida de que sobre a questão nacional as posições de Rosa e Lênin se encontravam em lados opostos, o que, de certa forma, não se verificou na disputa sobre o partido, onde o diferente pano de fundo histórico, social e econômico ocasionou mais um mal-entendido do que propriamente uma divergência de princípios, como se dá em relação ao problema nacional. Contra Lênin, mas também - é importante não esquecer isto - contra Otto Bauer e os austromarxistas, Rosa afirmava ser incorreto, desde o ponto de vista marxista, que os revolucionários defendessem o direito incondicional de todas as nações à autodeterminação. Segundo ela, a autodeterminação era irrealizável e, portanto, utópica nas condições novas criadas pela transformação do capitalismo de livre concorrência em capitalismo imperialista. E, quando triunfasse o socialismo, a autodeterminação perderia toda a importância, já que as fronteiras nacionais seriam abolidas, ao menos no sentido

32 Lukács, *Histoire et Conscience de Classe*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1960. Particularmente o ensaio "Remarques Méthodologiques sur La Question de L'Organisation", pp. 333-381.

33 Eduard, Bernstein, E. Bax, Kautsky, Karl Renner, *La Segunda Internacional y El Problema Nacional y Colonial* (Primeira Parte), México, Cuadernos de Pasado y Presente, nº 73, 1978. O ensaio de Karl Renner é "Estado y Nación: Acerca de LA Question Austríaca de Las Nacionalidades", pp. 145-180. Otto Bauer, *La Question de Las Nacionalidades y La Socialdemocracia*, México, Siglo XXI, 1979.

34 Introdução ao primeiro tomo das *Obras Escogidas de Rosa Luxemburgo*, Buenos Aires, Ediciones Pluma, 1976.

35 *La Cuestion Nacional y La Autonomia*, México, Cuadernas de Pasado y Presente, nº 81, 1979.

36 Lênin, *Sobre El Derecho de Las Naciones a La Autodeterminación*, 3 vols., Moscou, s/d, pp. 615-669.

econômico, e os problemas secundários de cultura e língua seriam resolvidos sem maiores dificuldades.

A rigor, Rosa generaliza a questão específica da Polônia, sobre a qual se debruçam as suas preocupações teóricas básicas no citado ensaio. Segundo o italiano Lélio Basso, um dos mais profundos estudiosos marxistas da obra de Rosa, "historicamente a independência da Polônia parecia para Rosa Luxemburgo um ideal superado e, de qualquer forma, realizável apenas através da guerra, ao passo que a luta contra a autocracia czarista e a revolução democrática no império russo constituíam um objetivo de realização próxima, uma análise que foi, aliás, confirmada pelos acontecimentos. Desviar os esforços do proletariado polonês desta revolução para buscar um ideal pequeno-burguês significava para Rosa Luxemburgo fazer uma concessão ao inimigo de classe: por isso a dureza e a tenacidade de sua polêmica"³⁷. É bom lembrar ainda que Rosa não se propôs a polemizar principalmente com Lênin e os marxistas. O objetivo central de suas teses era responder aos socialistas poloneses organizados no PSP que subordinavam a luta de classes à questão nacional. A emancipação da Polônia sob certo aspecto parecia dar razão aos argumentos de Rosa Luxemburgo, já que ela apenas ocorreu no turbilhão de uma guerra mundial e culminou, não na perspectiva socialista, mas no regime de Pilsudski. A longo prazo, porém, foram as teses marxistas de Lênin e dos austríacos que se mostraram mais de acordo com a realidade. Ainda hoje, a emancipação nacional dos povos coloniais e dependentes revela um nítido conteúdo revolucionário e antiimperialista. Ainda hoje as teses de Rosa possuem partidários em certos grupos de esquerda que se voltam, contra a prática das teses de autodeterminação, evocando a contradição entre a teoria e a prática do bolchevismo sob Stálin. Vale a pena recordar aqui que Stálin foi o que desenvolveu com mais profundidade as teses de Lênin sobre a autodeterminação, tornando-se no partido bolchevique o maior especialista no assunto³⁸. Na verdade, porém, o regime de Stálin voltava-se contra as próprias teses por ele formuladas sob a inspiração de Lênin.

Uma defesa cheia de argumentos pertinentes das teses de Rosa Luxemburgo foi feita por Lélio Basso: "Mas a história, que conduziu à realização da unidade e da independência polaca e com isto parecia desmentir as teses de Rosa Luxemburgo, lhe deu muito mais razão do que poderia parecer por meio de uma visão superficial dos acontecimentos. Com efeito, em primeiro lugar, a direita socialista polonesa, adversária implacável das teses luxemburguistas, acabou nos braços do nacionalismo, e seu líder, Pilsudski, se converteu no ditador fascista da Polônia: o caminho da independência não foi o caminho do socialismo, mas o da humilhação do proletariado sob o jugo fascista. E apenas em uma renovada unidade, embora não estatal, com o proletariado russo, a Polônia pôde encontrar o caminho do socialismo. Em segundo lugar, o curso histórico da Revolução Russa acabou por anular (com exceção da Polônia e da Finlândia) a famosa liberdade de separação estatal para os demais povos que formavam parte do império czarista, proclamada em um primeiro momento por Lênin, mas cuja função meramente tática foi precisamente revelada pelo curso posterior dos acontecimentos"³⁹.

Outra defesa das teses de Rosa feita recentemente é a de J.Peter Nettl: "Rosa Luxemburgo transferiu toda a energia e as satisfações da consciência patriótica para a consciência de classe; para a classe trabalhadora. Isto não era nem um esforço do intelecto nem um ritual de purificação ideológica, mas uma genuína objetivação da classe enquanto foco das lealdades pessoais... É possível ser marxista sem se efetuar não apenas uma substituição da consciência patriótica pela consciência de classe, mas uma imersão da classe *em lugar de* na nação? Isto foi obtido por algum dos mais

37 Lélio Basso, Nota Introdutoria à obra de Rosa Luxemburgo, *La Cuestion Nacional y La Autonomia*, cit.

38 Stálin, *O marxismo e o problema nacional e colonial*, São Paulo, Ciências Humanas, 1979.

39 Lélio Basso, op. cit.

importantes marxistas da Rússia ou da China na atualidade? Ou por acaso não é todo o regresso substancial à unidade nacional como fato e conceito o passo mais retrógrado de todos? Rosa Luxemburgo está na primeira linha da tentativa de tornar operacional a idéia marxista de classe como um referencial social primordial e romper de uma vez e para sempre com o antigo e avassalador conceito de nação. Nesse sentido, a sua contribuição não é inferior à de ninguém ⁴⁰.

Para Rosa, com efeito, a defesa do direito das nações à auto-determinação não pode ser analisada em si mesma, fora dos interesses da classe trabalhadora. Persistindo nesta defesa, "a social-democracia trai a sua própria vocação: a defesa dos interesses de classe do proletariado e do desenvolvimento revolucionário da sociedade, que são as únicas considerações levadas em conta pelos criadores do socialismo científico ao elucidar a questão das nacionalidades".

As conclusões de Rosa, na verdade, podem soar um tanto dogmáticas quanto à questão nacional, em contraste com o marxismo vivo que perpassa todo o seu pensamento, especialmente se as suas posições forem confrontadas nesta área com as defendidas por Lênin, Otto Bauer, Karl Renner e Stálin. No entanto, os seus escritos sobre a questão nacional fornecem um notável material para reflexão e, apesar de suas conclusões efetivamente parecerem equivocadas ou, pelo menos, excessivamente otimistas, constituem um precioso exemplo de pesquisa a partir do materialismo histórico. Não é gratuito o fato de que as teses de Rosa sobre o problema nacional tiveram respaldo entre vastos setores socialistas em sua época, inclusive entre os bolcheviques russos.

É preciso ter em mente que quando surgiu a polêmica sobre o problema nacional, o terreno sobre o qual se dava o avanço do marxismo era justamente no capitalismo desenvolvido da Europa, e os marxistas se batiam contra as tendências nacionalistas do imperialismo que forneciam as armas ideológicas para a Primeira Guerra Mundial que se avizinhava. Este fato, inclusive, conta muito a favor de Lênin e daqueles que, a seu lado, defenderam o caráter revolucionário das lutas de emancipação nacional.

Finalmente, ainda que existam pontos de contato entre as teses austromarxistas de Otto Bauer e as de Lênin e Stálin, é importante frisar que as conclusões a que chegaram uma e outra corrente dentro do marxismo não são as mesmas. Rosa se antagoniza com ambos os lados e o curso da história acabou por demonstrar que Lênin e Stálin tiveram uma percepção muito mais aguda: as lutas nacionais do Terceiro Mundo foram e continuam sendo um fator decisivo para o fortalecimento do socialismo diante do imperialismo. Mas não é menos verdade que as lutas antiimperialistas que não tiveram continuidade desembocando no socialismo se esclerosaram e, em muitos casos, degeneraram em contra-revolução.

A crítica do imperialismo

40 J. P. Nettl, *La Cuestión Nacional*, apêndice à obra de Rosa Luxemburgo, *La Cuestión Nacional y La Autonomia*, cit.

Como marxista que era, Rosa Luxemburgo sempre levou muito a sério a crítica da economia política. Foi, inclusive, um dos mais competentes economistas do socialismo alemão e internacional. Desde os seus escritos sobre a Polônia - como a sua tese de doutoramento, "O desenvolvimento industrial da Polônia" (1897) e os vários ensaios e artigos sobre a questão nacional - Rosa demonstra uma notável percepção dos grandes problemas da economia. Aliás, foi a economia o campo em que ela exerceu a sua atividade como professora na Escola Central do Partido Social-Democrata em Berlim, desde outubro de 1907, quando substituiu na mesma cadeira outros grandes marxistas, Rudolf Hilferding e Anton Pannekoek, que haviam sido proibidos de exercer o magistério na Alemanha pela polícia prussiana.

Foi, porém, justamente esta atividade como professora que possibilitou a Rosa Luxemburgo sua maior contribuição ao desenvolvimento da teoria marxista: a questão do imperialismo. E é em 1913 que surge a sua obra mais importante, *A acumulação do capital*⁴¹, três anos após a sua ruptura política com Karl Kautsky. A tese básica defendida por Rosa em *A acumulação do capital* é, na verdade, uma revisão do livro II de *O capital*, de Karl Marx. Em resumo, Rosa contesta a possibilidade admitida por Karl Marx de uma *reprodução ampliada* em um regime capitalista "puro", isto é, composto apenas por capitalistas e trabalhadores assalariados, como o modelo descrito por Marx. Na verdade, os esquemas de "reprodução" descritos por Marx acabam admitindo a permanente acumulação do capital.

Ocorre, porém, que a questão da acumulação do capital é o problema da realização da mais-valia. Na reprodução simples, a mais-valia é consumida inteiramente pelos capitalistas. Na reprodução ampliada, porém, há uma diferença fundamental: os capitalistas consomem uma parte da mais-valia obtida, destinando a outra para a acumulação, que significa a ampliação da produção. Desta forma, novos meios de produção são criados, torna-se necessária a incorporação de novos trabalhadores ao mercado de trabalho. Mas aí é que a questão se torna realmente problemática. Os capitalistas certamente não podem realizar a mais-valia que desejam acumular, vendendo-a aos trabalhadores, pois estes esgotam seus salários na realização do capital variável. Poder-se-ia imaginar, ainda, que a parte da mais-valia em questão, a destinada à acumulação, existirá na forma de meios de produção adicionais que os capitalistas comprem entre si, tornando possível a acumulação. O problema, porém, não fica resolvido, pois não faltará quem venha com a pergunta: quem comprará, agora, uma quantidade ainda maior de mercadorias? Isto conduz a um beco sem saída, pois, como afirma a própria Rosa, "a produção pela produção, do ponto de vista do capital, seria um absurdo completo".

Com isto, Rosa acaba contestando o modelo capitalista "puro" analisado por Marx no livro II de *O capital*. Isto é, é impossível a existência de um sistema capitalista fechado, composto unicamente de capitalistas e trabalhadores. Então, desde o momento em que se abandona a hipótese de um sistema capitalista "fechado", a parte da mais-valia que deve ser acumulada pode ser realizada apenas pela venda aos consumidores não-capitalistas, seja por viverem em uma sociedade onde o capitalismo ainda não chegou, ou porque uma parcela ponderável da população permanece ao nível da produção simples, como o campesinato, por exemplo. Entretanto, salienta Rosa Luxemburgo, a própria dinâmica do processo de expansão acaba absorvendo os países ou camadas atrasadas da população para a órbita do sistema capitalista. E quando isto ocorre manifesta-se a impossibilidade objetiva de um capitalismo fechado. Surge, então, pela própria lógica do sistema econômico capitalista, o *colapso*⁴².

41 Rosa Luxemburgo, *L'Accumulation du Capital*, 2 vols., tradução e apresentação de Irène Petit, Paris, Maspèro, 1967.

42 Lucio Colletti, *El Marxismo y El "Derrumbe" del Capitalismo*, México, Siglo XXI, 1985, pp. 365-368.

Em outras palavras, a acumulação capitalista não pode ocorrer se não existirem compradores não-capitalistas da mais-valia. Para Rosa, "o comércio mundial é uma condição histórica de existência do capitalismo e se constitui essencialmente num intercâmbio entre formas de produção capitalistas e não-capitalistas". Portanto, o capitalismo vive e se desenvolve apenas destruindo aquelas condições que possibilitam a sua existência, ou seja, as áreas não-capitalistas do mercado mundial que acabam se transformando pela própria lógica da penetração econômica do capitalismo em novas áreas capitalistas. Esta seria a "novidade" representada pelo sistema capitalista transformado em *imperialismo*. A condenação do sistema capitalista, portanto, está inscrita em sua própria dinâmica: será esta contradição que acabará conduzindo o sistema a um colapso inevitável, pois, supondo-se correta a tese de Rosa, na medida mesma em que não existir mais nenhuma área pré-capitalista, quando todo o mercado acabar se constituindo em intercâmbio entre capitalistas, a acumulação do capital se tornará impraticável e o sistema entrará em colapso, já que a sua própria continuação se torna impossível.

As críticas às teses de Rosa sobre a acumulação são muitas. Paul Sweezy, por exemplo, afirma que "a teoria de Rosa Luxemburgo é passível de crítica sob muitos aspectos; um erro em particular obscurece os demais: ao discutir a reprodução ampliada ela implicitamente conserva as suposições da reprodução simples. O dogma - que nem por um momento ela põe em dúvida - de que o consumo dos trabalhadores não pode realizar a mais-valia implica que a quantidade total de capital variável e, portanto, também o consumo dos trabalhadores, devem permanecer fixos e constantes como na reprodução simples. Na realidade, a acumulação envolve tipicamente o acréscimo ao capital variável, e quando este capital variável adicional é consumido pelos trabalhadores, realiza uma parte da mais-valia que tem a forma física de bens de consumo. Como Rosa Luxemburgo não compreendeu isso, parecia-lhe que o consumo não podia aumentar dentro da moldura do capitalismo. Daí para a conclusão de que os acréscimos ao estoque de meios de produção não poderiam ter qualquer função é apenas um passo. Dada a sua premissa sobre a constância do consumo, isso seria indubitavelmente correto - só poderia ser negado pelos que acreditam na completa independência entre produção e consumo à la Tugan-Baranowsky: os acréscimos constantes aos meios de produção seriam então realmente *um carrossel que gira em torno de si mesmo no ar vazio*. Como, porém, a constância do consumo não se apoia em nada mais substancial do que a própria inflexibilidade lógica de Rosa Luxemburgo, toda a teoria se desmorona como um castelo de cartas. A mordaz observação de Bukharin é ainda a crítica mais reveladora de toda a sua estrutura teórica: *Se excluirmos a reprodução ampliada do começo de uma prova lógica, é naturalmente fácil fazê-la desaparecer no fim; é simplesmente uma questão de erro de lógica simples*"⁴³.

As teses de Rosa causaram um profundo, impacto em todos os meios marxistas. Nos meios social-democratas, a hostilidade foi praticamente geral, tanto entre os setores mais abertamente reformistas, que viam nelas uma radical negação das possibilidades do sistema capitalista se desenvolver sem traumas, como nos setores mais à esquerda, que se fixavam, como Kautsky e os "ortodoxos", na defesa intransigente das conclusões de Karl Marx no livro II de *O capital*. Mas em setores radicalizados do socialismo internacional, Rosa encontrou receptividade, apesar de Lênin considerar errônea a tese luxemburguista. E isto era lógico, pois Rosa não poderia ter apoio nos meios reformistas se as conclusões de seu livro conduziam necessariamente ao fim inevitável do sistema capitalista e à necessidade de agudização da luta de classes para que o colapso capitalista conduzisse ao socialismo e não à guerra. Por outro lado, é natural que, mesmo com as ressalvas de Lênin, os setores que acabariam por se identificar com o comunismo vissem com simpatia a

43 Paul Sweezy, *Teoria do desenvolvimento capitalista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1962, pp.246-247.

análise do imperialismo feita por Rosa: ao fim e ao cabo, era o que eles defendiam na prática. A guerra mundial e a explosiva situação do pós-guerra trouxeram ainda mais vigor às teses de Rosa e um teórico da importância de Georg Lukács apoiava a posição dela no que dizia respeito ao problema do imperialismo e da acumulação do capital. Apenas em 1925-26 quando surge o famoso texto de Nicolai Bukharin, "O imperialismo e a acumulação do capital"⁴⁴, a condenação das teses de Rosa por parte do comunismo torna-se "oficial". Até então, mesmo economistas soviéticos de primeira linha faziam a defesa das posições luxemburguistas. Na realidade, havia na investida contra as teorias luxemburguistas na Internacional Comunista uma motivação política, que era a luta contra a direção do Partido Comunista Alemão. Entretanto, é indiscutível que o ensaio de Bukharin põe a descoberto aquelas insuficiências descritas por Sweezy e, pela primeira vez, a refutação a *A acumulação do capital* se reveste de um caráter essencialmente científico. Aliás, a obra de Bukharin é a última na qual o brilhante pensador comunista se dedica à economia pura. Por outro lado, o peso de Bukharin naqueles anos era decisivo: é importante lembrar que ele era o porta-voz teórico da Internacional Comunista e um dos mais importantes políticos na direção do partido bolchevique, além de ser lembrado por Lênin como o mais competente entre os teóricos do partido.

Apesar de seus erros, porém, *A acumulação do capital* sem dúvida alguma representa um avanço no desenvolvimento da teoria marxista e pode ser lido hoje em dia com um enfoque extremamente atual, especialmente no que diz respeito à penetração do capital imperialista nas áreas que ainda permanecem na periferia do sistema ou, mesmo, nas relações do mercado interno dos países capitalistas onde se dá a relação "externa" entre o setor capitalista e o não-capitalista.

Por outro lado, é fundamental observar a atitude de Rosa perante a economia política, o que não se circunscreve apenas a *Acumulação do capital*, mas se verifica também em outra obra sua, a famosa *Introdução à economia política*, que são suas aulas na escola do Partido Socialista em Berlim e que, infelizmente, ficaram incompletas. Rosa destaca que a necessidade da ciência econômica surge da opacidade dos fenômenos econômicos no regime de produção mercantil. Ernest Mandel escreve que "o que justamente constitui a força da *Introdução* é a maneira magistral com que Rosa, seguindo o exemplo de Marx, distingue a evolução das estruturas de sua revolução, de sua derrocada. A história é apenas compreensível enquanto combinação desses dois movimentos. As revoluções sociais são incompreensíveis sem este trabalho de sapa prévio da evolução"⁴⁵.

Entretanto, mesmo que a tese do "colapso" ainda exerça alguma atração, em si mesma ela é insuficiente. O capitalismo tem recursos para prolongar a sua sobrevivência, o que vem sendo demonstrado pelas inovações tecnológicas, pelo advento do capitalismo monopolista de Estado e, principalmente, pela rentabilidade de uma reserva de mão-de-obra. A teoria do "colapso" conduz a um fatalismo que tem as suas conseqüências políticas. Nesse sentido, as posições de Lênin sobre o imperialismo⁴⁶ têm como conseqüência a criação do *sujeito revolucionário*. Ou seja, a possibilidade objetiva do *colapso* só pode se realizar através de uma *solução política*, que é a intervenção concreta do *sujeito revolucionário*, a classe trabalhadora. Por isso mesmo, ainda permanecem extremamente atuais os outros dois grandes estudos sobre o imperialismo, o de Rudolf Hilferding⁴⁷ e o de Lênin. Ambos, porém, não excluem a

44 Rosa Luxemburgo e Nicolai Bukharin, *El Imperialismo y La Acumulación del Capital*, Córdoba, Cuadernos del Pasado y Presente, nº 51, 1975.

45 Ernest Mandel, Prefácio à obra de Rosa Luxemburgo, *Introducción a La Economía Política*, Córdoba, Cuadernos del Pasado y Presente, nº 35, 1972, p. 11.

46 Lênin, "El Imperialismo, Fase Superior del Capitalismo", in *Obras Escogidas*, Moscou, Editorial Progreso, 1969, pp. 169-271.

47 Hilferding, *El Capital Financiero*, Madrid, Tecnos, 1963.

contribuição imensa que Rosa Luxemburgo deu à teoria marxista do imperialismo.

Mandel, a meu ver, coloca a questão corretamente ao se referir às teses econômicas de Rosa Luxemburgo: "Definitivamente, que as respostas dadas por ela a estas perguntas sejam insuficientes e em parte errôneas é menos importante de que o fato de ter compreendido que efetivamente havia aqui perguntas, para as quais o próprio Marx não tinha respostas. Era preciso gênio para colocar estas perguntas, no marco da problemática marxista. E nenhum marxista hoje pode negar que Rosa tinha gênio"⁴⁸.

De qualquer forma, a *Acumulação do capital* permanece a desafiar não apenas os teóricos abstratos, mas a própria prática política dos movimentos socialistas e revolucionários. E assim como não procede a posição irritantemente acadêmica de J. P. Nettl, que, ao defender as posições de Rosa, reduz o "Imperialismo" de Lênin a um mero panfleto político anti-Kautsky, também não cabe a atitude oposta, nas pegadas de Bukharin, que contesta radicalmente as teorias luxemburgistas sobre o capitalismo e a acumulação do capital. É possível agora ver toda a originalidade e o mérito de Rosa, a qual não se limitou a fórmulas gerais sobre as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, que Kautsky simplesmente copiou de Marx, mas que procurou colocar perguntas ali onde Kautsky e sua escola não viam mais do que respostas. Como se manifestam a longo prazo estas contradições se o regime capitalista durar ainda alguns decênios? Qual a estrutura do sistema capitalista internacional que substitui na vida real a abstração metodologicamente necessária, utilizada por Marx, de um sistema capitalista "puro"? Como se operou nos fatos da vida real o crescimento do modo de produção capitalista?⁴⁹

Estas são questões, perguntas, que ainda hoje devem nortear uma pesquisa efetivamente marxista. E, pela primeira vez, elas foram formuladas com toda a clareza por Rosa Luxemburgo nos seus escritos econômicos. Duas guerras mundiais, uma crise catastrófica em todo o sistema capitalista internacional em 1929 e a redução crescente de áreas não-capitalistas à escala mundial são fatos que renovam sobremaneira a atualidade das questões levantadas por Luxemburgo ainda em 1913.

Mas a Primeira Guerra Mundial e a debacle da Segunda Internacional interromperam as análises de Rosa. A partir de 1914, ela vai enfrentar a repressão, a guerra mundial, a formação de uma nova vanguarda socialista que irá se concretizar no grupo Espártaco, o germe do Partido Comunista Alemão, e a luta por uma nova Internacional. Mesmo esse envolvimento direto na militância, porém, não desviou jamais Rosa Luxemburgo de suas preocupações teóricas. Aliás, ela nunca desvinculou a teoria da prática e apenas compreendia uma em relação estreita com a outra. A própria motivação teórica de Rosa não tinha qualquer academicismo, mas era extraída diretamente da vida real, mais especificamente das lutas concretas do socialismo e da classe trabalhadora, à qual ela sacrificará alguns anos mais tarde a própria vida. É o que veremos a seguir: Rosa no turbilhão da guerra e da revolução proletária.

A guerra e a revolução

48 Mandel, op. cit., p. 15.

49 Idem.

A situação europeia já havia se deteriorado muito quando no dia 28 de junho de 1914 um nacionalista sérvio assassinou o príncipe herdeiro austríaco em Sarajevo, mas depois a tensão diminuiu um pouco até que, em 23 de julho, a monarquia dos Habsburgos enviou um ultimato à Sérvia. Dois dias depois, apoiada pela Alemanha, a Áustria declarou guerra à Sérvia. A 29 de julho, a Rússia czarista mobilizou as suas tropas.

Diante da ameaça concreta de guerra, o burô da Internacional operária convocou uma reunião para Bruxelas, com a presença das mais importantes lideranças socialistas: Guesde, Jaurès e Vaillant, da França; Keir Hardie, da Grã-Bretanha; Pavel Axelrod, da Rússia; Rosa Luxemburgo (Polônia); Haase e Karl Kautsky (Alemanha); Moreira e Angelica Balabanov (Itália); Victor e Friedrich Adler (Áustria); Vandervelde (Bélgica); e Troelstra (Holanda).

Rosa estava em Bruxelas desde meados de julho, para a permanente mas sempre frustrada tarefa de unificar o partido russo. Assim, ela estava a par dos acontecimentos de Berlim apenas por segunda mão, apesar da cobertura completa da crise dada pelos jornais. A delegação alemã delineou o quadro logo após a chegada de Kautsky e Haase a Bruxelas, em 28 de julho. A reunião do burô da Internacional foi tensa, com posições divergentes em vários assuntos concernentes à guerra, mas a resolução adotada expressava o velho tom familiar ao internacionalismo proletário: "O burô da Internacional Socialista apela ao proletariado de todos os países para prosseguir e intensificar as suas manifestações contra a guerra". O Congresso da Internacional estava marcado para agosto de 1914 e, seis anos mais tarde, Kautsky escreveria que "era incrível que nenhum de nós que estávamos lá tivesse a idéia de colocar a questão: que fazer se a guerra eclodir antes do Congresso? Que atitude assumirão os partidos socialistas nesta guerra?". Isto não era totalmente exato, embora Kautsky refletisse na afirmação citada a perplexidade dos dirigentes socialistas diante do fato consumado; entretanto, na mesma reunião Victor Adler, do socialismo austríaco, já indicara que em seu país as possibilidades de uma luta conseqüente e eficaz contra a guerra estavam totalmente esgotadas. Este derrotismo irritou profundamente Rosa Luxemburgo, segundo testemunharam participantes do congresso, e encontrou oposição no otimismo de Jean Jaurès. Ele e Rosa queriam que o Congresso socialista fosse seguido por enormes demonstrações de massas, que fariam retroceder as intenções belicistas do imperialismo. E a primeira grande demonstração ocorreu logo após a reunião do burô da IS em Bruxelas mesmo, e os operários cheios de confiança comentavam: "Eles não ousarão, não podem ousar! Nós temos a Internacional". Jaurès, no comício, dirigiu-se diretamente a Rosa: "Permitam-me que eu saúde a mulher intrépida, cujo pensamento inflama o coração do proletariado alemão". Vandervelde igualmente fez uma comovida saudação a Rosa, que não quis se pronunciar, permanecendo sentada, imóvel, pálida, insensível aparentemente aos apelos da massa para que ela falasse. Era uma Rosa desconhecida para a grande maioria. Naquele momento, após a reunião do burô, provavelmente Luxemburgo já sabia que a Internacional Socialista, a Segunda Internacional, orgulho do proletariado europeu, estava irremediavelmente condenada a sucumbir diante da guerra. Provavelmente, Luxemburgo tinha certeza de que em poucos dias começaria uma nova batalha, em minoria, para a criação de uma nova Internacional operária que cumprisse a sua missão. A Segunda Internacional estava agonizante. E morreria logo em seguida.

Rosa, Haase e Kautsky retornaram à Alemanha no dia 31 de julho. Pouco antes,

a 25 de julho, um Manifesto do Partido Social-Democrata Alemão parecia um retorno às arraigadas posições de classe: "A consciência' de classe do proletariado alemão ergue-se em veemente protesto contra as criminosas maquinações dos fabricantes de guerra ... Nem uma gota de sangue dos soldados alemães deve ser sacrificada para o voraz poder da camarilha dominante da Áustria e para os aproveitadores imperialistas". Declarações semelhantes repetiram-se quase que diariamente e não se pode desprezar a influência de Haase nessa retomada de agressividade da social-democracia alemã. Aliás, o partido ainda estava perpassado pela velha consciência antimilitarista e ninguém ainda poderia imaginar que dias depois os deputados alemães do poderoso partido socialista, com exceção de Karl Liebknecht, resolutos partidários das teses luxemburgistas, acabariam votando os créditos de guerra.

Para Rosa Luxemburgo, a decisão da social-democracia alemã foi um duro golpe, mesmo que ela já tivesse percebido que a direção da Internacional estava capitulando desde o encontro de Bruxelas. Para ela, não havia argumentos que pudessem justificar a aprovação dos créditos de guerra. Rosa sentiu o teto desabar sobre si quando se convenceu de que a social-democracia, o partido do proletariado, estava passando para o lado do imperialismo. Aliás, não foi apenas Rosa que sofreu com a decisão. Lênin, que tinha grande admiração pela social-democracia alemã, e uma atitude de respeito e admiração por Kautsky,, a quem considerava seu mestre, não queria acreditar quando soube da notícia e atribuiu tudo a uma maquinação da imprensa burguesa para semear a divisão e desacreditar a social-democracia perante a classe operária. Lênin, inclusive, sentiu mais o impacto, pois Rosa há muito tempo já havia percebido a contradição entre a teoria kautskista e a prática da ortodoxia na social-democracia alemã - sua ruptura política com Kautsky ocorrera em 1910.

Nas suas críticas a Rosa, Kautsky estava errado quando disse que "nos últimos anos antes da guerra, Luxemburgo defendeu o ponto de vista segundo o qual o proletariado responderia à eclosão da guerra com a revolução". Rosa sabia como é difícil para a classe operária dar o salto que vai da guerra à revolução. Recusando energicamente o engajamento da Internacional na greve geral em caso de guerra, ela provou ter da situação uma visão ainda muito mais realista do que a de Kautsky. O que Rosa não admitia era que a classe trabalhadora alemã se deixasse conduzir à carnificina sem a menor tentativa de resistência, o que, aliás, viria a se repetir em 1933, quando o nazismo de Hitler assumiu o poder sem que encontrasse a menor resistência por parte da poderosa classe operária alemã e seus dois grandes partidos, o social-democrata e o comunista.

Mas a decepção não prostrou a revolucionária. No mesmo dia, 4 de agosto, em que os dirigentes lendários do socialismo alemão fizeram a aliança com o imperador e o estado-maior do exército, um pequeno grupo de militantes, entre eles o velho Franz Mehring e Julian Karski, o camarada das lutas na Polônia, se reuniram no apartamento de Luxemburgo, com o objetivo de continuar a luta contra a guerra e contra a política de guerra levada a cabo por seu próprio partido. Era o início de uma histórica rebelião que passaria à história sob a legenda de Espártaco. Em Stuttgart, Clara Zetkin aderiu. E logo em seguida Karl Liebknecht, que até então pensava que a aprovação dos créditos de guerra seria um equívoco temporário do partido, também se somou ao pequeno grupo de espartaquistas. Começara a luta clandestina contra a carnificina imperialista.

Rosa se tornou mais militante do que nunca. Percorria os quarteirões operários de Berlim o dia inteiro. Reunia-se com dirigentes e militantes de base. Pronunciava conferências, redigia manifestos. E logo os esforços começaram a ser recompensados, com o reagrupamento de forças em diversos pontos da Alemanha contrárias à guerra e às posições da Internacional e da social-democracia alemã diante do conflito. Em torno de Rosa se agrupa a extrema-esquerda e efetuam-se os primeiros contatos internacionais. O curso dos acontecimentos estava aproximando

cada vez mais a esquerda socialista alemã - o *Spartakusbund* - dos bolcheviques russos, com Lênin à frente. No dia 2 de dezembro de 1914, o *front* revolucionário contra a guerra nascia na Alemanha. A partir deste dia, a aliança entre Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht torna-se indissolúvel. Até a morte.

Na primavera de 1915, surge a revista *A Internacional*, sob a direção de Rosa e Franz Mehring. Os principais colaboradores eram Clara Zetkin, August Thalheimer, Käthe Duncker, Paul Lange e Henrich Ströbel. Rosa escreveu o artigo "A reconstrução da Internacional", sob seu próprio nome, e um outro sob o pseudônimo de *Mortimer*, onde critica o livro de Kautsky, *Nationalstaat, imperialistischer Staat und Staatenbund*, com o título de "Perspectivas e projetos". Ambos os artigos se revestem de uma extraordinária importância teórica. A censura militar percebeu logo o significado da nova revista e imediatamente acusou de "alta traição" a Luxemburgo, Mehring e Clara Zetkin. Quando *A Internacional* veio a público, em abril de 1915, Rosa já estava há dois meses na prisão em Frankfurt. Ela suportava a prisão, mas a ausência de liberdade causava-lhe um terrível sofrimento, como o atestam suas cartas escritas à grande amiga Mathilde Jakob.

De qualquer forma, estavam assentadas as bases para a oposição à guerra. E esta oposição bem cedo se tornaria internacional, especialmente pela forte ação dos esquerdistas russos (e não apenas os bolcheviques, embora estes fossem os mais decididos adversários da política conciliadora levada a cabo pela social-democracia internacional). Lênin reconhecerá de bom grado o papel fundamental exercido por Rosa e seus companheiros espartaquistas na aglutinação dos socialistas revolucionários em oposição à guerra imperialista.

Na prisão, Rosa Luxemburgo havia iniciado a redação de um panfleto intitulado *A crise da social-democracia*, que passaria para a história como o *Panfleto Junius* ou o *Folheto Junius*, retomado logo que ela recobrou a liberdade. O folheto foi aparecer apenas em 1916, em abril, um ano após a sua redação. Apesar da divulgação clandestina, o *Folheto Junius* alcançou uma extraordinária repercussão e as reedições se sucederam rapidamente, tornando-se, como conta Frölich, "uma ferramenta indispensável para os militantes da ilegalidade". Rosa pretendia assinar o folheto com o seu próprio nome, mas os companheiros mais chegados acabaram convencendo-a de que o gesto, apesar de corajoso, seria inútil e em nada acrescentaria para o sucesso da causa que defendiam. Ela, então, resolveu assinar com o pseudônimo de *Junius*, o grande defensor da Constituição inglesa contra as tendências absolutistas de George III.

O *Folheto Junius* seguiu o mesmo destino dos panfletos célebres da história do marxismo, como o *Manifesto Comunista*, por exemplo, obra de circunstância, voltada para uma conjuntura precisa, mas que se tornou um documento fundamental para a própria formação da concepção materialista da história e orientação de milhões de socialistas até hoje, permanecendo com uma impressionante atualidade ainda para as lutas dos trabalhadores no final do século XX. Da mesma forma, *O Estado e a revolução*, de Lênin, alguns anos mais tarde, também se prolongaria através dos anos, constituindo-se em uma fonte preciosa para o estudo e prática dos socialistas. Assim ocorreu com o *Folheto Junius*, que se tornou um documento indispensável para a formação teórica dos militantes socialistas de todo o mundo, embora seu objetivo tivesse como alvo uma conjuntura determinada, alcançando a estatura de um verdadeiro manual de história e da estratégia revolucionária. Rosa põe a descoberto os imensos prejuízos que seriam causados à classe operária pela posição capituladora da social-democracia internacional, analisa o conteúdo da guerra, chegando mesmo a afirmar que na época do imperialismo não pode mais existir uma "guerra justa", como nos tempos de Marx e Engels, que aconselhavam a classe operária, na eventualidade

de uma guerra, a se colocar ao lado da nação que pudesse impulsionar o progresso da civilização.

Ao mesmo tempo, traça-se a linha demarcatória. A social-democracia alemã já se encontrava inteiramente dividida e, na prática, dois partidos se intitulavam os representantes da classe operária: o Social-Democrata e o Social-Democrata Independente. O primeiro reunia os partidários de Bernstein e dos demais reformistas. O segundo (USDP) agrupava os kautskistas, mas ele próprio já tinha em seu interior duas tendências nítidas e conflitantes entre si. O Partido Social-Democrata Independente situava-se à esquerda, defendendo posições que Rosa denunciava como meramente pacifistas. Entre estas, situavam-se Kautsky e seus partidários mais à direita, e, à esquerda, Georg Lebedour e os seus. Rosa e Liebknecht organizavam à sua volta a extrema-esquerda: o grupo Espártaco, que já concentrava um importante número de militantes e quadros, especialmente entre a Juventude Socialista, que após uma reunião secreta, realizada na Páscoa de 1916, em Iena, em sua esmagadora maioria aderiu aos espartaquistas.

No interior do próprio grupo Espártaco não havia unanimidade em torno de questões concretas. Assim, grande número de camaradas queria a formação imediata de um novo partido, posição a que Rosa se opunha radicalmente. Certamente, ela tinha como objetivo a criação de um partido revolucionário, mas, para isso, sem ceder em relação aos princípios, era preciso militar na velha social-democracia, pois era em torno dela que se organizavam as massas do operariado alemão, que não poderia ficar nas mãos dos dirigentes capituladores. Rosa não queria seitas e sempre foi avessa a qualquer tipo de organização desligada da base real do movimento operário. Tanto é assim, que até hoje ninguém poderá falar em "luxemburgismo" como tendência política separada do movimento operário. Mesmo com seu imenso prestígio na extrema-esquerda alemã, não havia suporte teórico em sua obra para a formação de qualquer seita.

Pela ação militante do grupo Espártaco, Rosa Luxemburgo, que estava na vanguarda da luta contra a guerra, foi presa no dia 19 de julho de 1916. As nuvens que prenunciavam a tempestade revolucionária na Europa apenas se formavam no céu escuro da guerra mundial. Quando ela recobrou a liberdade, no dia 9 de novembro de 1918, o mundo já havia entrado na era das revoluções socialistas, pois um ano antes, sob a direção do partido bolchevique, o proletariado havia tomado o poder na velha Rússia. Como internacionalista por princípio e pela prática revolucionária, pois sua condição de polonesa fazia com que acompanhasse de perto todos os problemas concernentes à social-democracia russa, era evidente que Rosa não poderia deixar de acompanhar com o mais vivo interesse e, acima de tudo, com paixão o processo revolucionário que havia se iniciado com a derrubada do czarismo, culminando, alguns meses depois, em outubro de 1917, com a instauração do poder dos conselhos de operários, camponeses e soldados. Mesmo na prisão, Rosa Luxemburgo compreendia o significado da revolução socialista de outubro e, portanto, embora encarcerada, manifestava a sua mais completa solidariedade com os bolcheviques Lênin e Trotsky, os quais anunciavam aos quatro ventos o caráter internacionalista da revolução proletária que dirigiam.

Na verdade, havia uma convicção comum entre Lênin e Rosa: a de que os destinos das revoluções russa e alemã estavam indissolivelmente ligados. E isto tanto do ponto de vista prático, no sentido de que ambos os processos revolucionários - o russo e o alemão - teriam necessariamente de marchar juntos - para bem e para mal -, com o avanço de um empurrando o outro para a frente e, em contrapartida, o retrocesso deste ou daquele comprometendo e estagnando o outro, como do ponto de vista teórico, pois tanto as concepções de Lênin e dos bolcheviques, como as de Rosa

Luxemburgo e dos espartaquistas, rompiam com o clássico esquema "ortodoxo" de Kautsky ao mesmo tempo que impugnavam o movimento "revisionista" de Bernstein e seus sequazes. Já em 1905, como vimos anteriormente, Rosa, em seu célebre panfleto *Greve de massas, partido e sindicatos*, havia salientado a "novidade" representada pela entrada em cena do proletariado russo. Por outro lado, nenhum marxista havia tirado tão profundamente as conclusões do que ficou conhecido como o "ensaio geral" da Revolução Russa como Leon Trotsky⁵⁰, que soube compreender a impossibilidade da revolução burguesa na Rússia quando a classe operária havia criado no próprio processo revolucionário os seus órgãos específicos de poder, os soviets.

Entretanto, talvez pelo distanciamento e pela prisão que obrigava à reflexão, Rosa Luxemburgo tenha compreendido mais do que ninguém o processo revolucionário russo, suas contradições e os perigos que o ameaçavam. É nesse sentido que se deve entender a sua crítica à Revolução Russa, escrita na prisão, e somente divulgada no princípio dos anos 20, por Paul Lévi, seu camarada no grupo Espártaco, quando o Partido Comunista Alemão viu-se dilacerado por disputas internas. As críticas contidas em *A Revolução Russa*⁵¹ revelavam a coerência ideológica de Rosa, para quem o desenvolvimento do marxismo só poderia se dar através da crítica e esta longe de significar uma ruptura, pelo contrário, fazia mais sólida a unidade revolucionária e era um fator essencial do progresso da revolução proletária. Tal concepção ela já havia manifestado em 1899, em um artigo intitulado "Liberdade de ciência e liberdade de crítica", que normalmente tem sido incluído em seu livro *Reforma social ou revolução?* Nesse artigo, Rosa salienta que "sem dúvida não existe outro partido para o qual a crítica livre e implacável de seus próprios erros seja, como para a social-democracia, uma condição de existência. Entretanto, a autocritica em nosso partido não atinge o seu objetivo de servir o progresso ... a não ser quando ele se situa nos objetivos de nossa luta. Toda crítica que contribui para tornar mais vigorosa e consciente a nossa luta de classe para a realização de nosso objetivo final merece a nossa gratidão".

Era este, claramente, o objetivo contido em suas críticas à Revolução Russa. O pequeno livro de Rosa era, antes de tudo, uma afirmação de solidariedade com Lênin e Trotsky e o partido bolchevique. A crítica era, pois, revolucionária e situava-se no espírito comunista. Ela situava os bolcheviques como uma verdadeira vanguarda da revolução mundial e deixava claro que no contexto da social-democracia internacional eles haviam sido os mais conseqüentes, os que, diante da crise provocada pela guerra, agiram como marxistas revolucionários. Este fato, porém, não os exime de críticas, no sentido daquelas críticas "que contribuem para tornar mais vigorosa e consciente a luta de classes".

E muitas das críticas contidas na brochura sobre a Revolução Russa permanecem válidas até hoje e chegam a espantar pela capacidade de análise do processo, inclusive no que diz respeito à possibilidade concreta de degeneração do poder soviético em benefício de uma burocracia usurpadora que acabaria se tornando a única camada ativa. Por outro lado, Rosa insiste sobre a questão da liberdade, não como "um amor fanático pela justiça abstrata", como ela mesma afirma, mas como uma questão de sobrevivência do próprio poder proletário: "o pesado mecanismo das instituições democráticas tem um corretivo poderoso - precisamente no movimento vital das massas, em sua paixão incessante. E quanto mais democrática é a instituição, mais rápida e mais forte é a pulsação da vida política das massas e mais total é a sua ação... Seguramente, toda instituição democrática tem seus limites e defeitos, o que ocorre, sem dúvida, com todas as instituições humanas. Apenas o

50 Trotsky, 1905, *suvi de Bilan et Perspectives*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1969.

51 *La Révolution Russe*, Paris, Maspèro, 1964.

remédio inventado por Lênin e Trotsky, a supressão da democracia geral, é pior ainda que a doença que eles se propunham curar: obstrui, com efeito, a única fonte viva da qual podem surgir as correções de todas as insuficiências congênitas das instituições sociais: a vida política ativa, sem entraves, enérgica, das mais amplas massas da nação"⁵².

E mais adiante, numa notável percepção dos equívocos iniciais do poder bolchevique, que não podem ser mecanicamente atribuídos apenas a Stálin, Rosa salienta: "Lênin diz que o Estado burguês é um instrumento de opressão da classe operária, o Estado socialista um instrumento de opressão da burguesia. Este último seria simplesmente o Estado capitalista de cabeça para baixo. Esta concepção simplista esquece o essencial: a dominação de classe da burguesia não tinha necessidade de uma instrução e de uma educação política de toda a massa do povo, ou, pelo menos, não além de certos limites muito estreitos. Para a ditadura proletária, estes são elementos vitais sem os quais ela não pode existir"⁵³. E mais além: "As tarefas gigantescas que os bolcheviques se propuseram com coragem e determinação exigem precisamente a mais intensa educação política das massas e a acumulação de experiências que se torna impossível sem liberdade política. *A liberdade reservada unicamente aos partidários do governo, unicamente aos membros do partido - por maior que este venha a ser -, não é liberdade. A liberdade é sempre a liberdade para aquele que pensa diferente. Não pelo fanatismo pela 'justiça', mas porque tudo o que há de educativo, de salutar e de purificador na liberdade política resume-se ao fato de que ela perde toda a sua eficácia quando a 'liberdade' se torna um privilégio*"⁵⁴ (o grifo é meu, LPV).

É notável, ainda, que de seu escrito na prisão ressalte com toda a clareza o risco concreto - que haveria de se realizar a curto prazo - da deformação e degenerescência burocrática do socialismo. Diz Rosa: "... sufocando a vida política de todo o país, é fatal que a vida venha a ser cada vez mais paralisada nos próprios soviets. Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem confronto livre de opiniões, a vida morre em todas as instituições públicas, torna-se uma vida aparente e a burocracia é o único elemento que permanece ativo"⁵⁵. E, em seguida, ela prenuncia o que acabaria se tornando o regime estalinista: "A vida pública pouco a pouco adormece; algumas dezenas de chefes do partido, de uma energia inesgotável e de um idealismo sem limites, dirigem e governam; entre eles, na realidade, a direção está nas mãos de uma dúzia de homens com cérebro eminente, e uma elite da classe operária é, de vez em quando, convocada para reuniões a fim de aplaudir os discursos dos chefes e votar unanimemente as resoluções que lhes são apresentadas. Trata-se, portanto, de uma ditadura, mas não a ditadura do proletariado: a ditadura de um punhado de políticos, isto é, uma ditadura no sentido burguês, no sentido da dominação jacobina". E Rosa escreveu isto em 1918!

Libertada em novembro de 1918, dez dias depois Rosa lança-se novamente na militância socialista e faz publicar o primeiro número de *Die Rote Fahne* (A Bandeira Vermelha), o órgão dos espartaquistas alemães. A Alemanha estava vivendo um processo revolucionário similar ao russo. Os conselhos operários se formavam por toda a parte. Falava-se claramente nas fábricas, nos sindicatos e nos círculos de esquerda mais diversos sobre o surgimento de um *outubro alemão*, e os espartaquistas estavam na vanguarda deste processo revolucionário que a social-democracia clássica já controlava inteiramente, impedindo a concretização de um governo realmente conselhistas e operário.

52 Idem, ibidem, p.57.

53 Idem, ibidem, p. 61.

54 Idem, ibidem, p. 62.

55 Idem, ibidem, p. 65.

Como conseqüência lógica da radicalização, os espartaquistas e os radicais de esquerda fundam o Partido Comunista Alemão. Rosa estava em vias de aprender a corrigir os seus equívocos no longo debate com Lênin e declara que "não temos o direito de retomar e repetir a ilusão da primeira fase da revolução, a de 9 de novembro, e continuar a crer que é suficiente para a vitória da revolução proletária derrubar o governo capitalista e substituí-lo por outro... Se Espártaco tomar o poder, isto acontecerá sob a forma da vontade clara e inequívoca da grande maioria das massas proletárias em toda a Alemanha. A vitória de Espártaco não se coloca no começo, mas no fim da revolução".

A revolução alemã, para Rosa, tornava-se uma necessidade imediata. Não se tratava apenas de manter aceso o "raio que brilhara no Leste", mas sim de dar prosseguimento à mobilização das massas que se verificava na Alemanha pela palavra de ordem de *paz*. Era, contudo, uma mobilização sem contornos políticos precisos, ainda que os conselhos operários se espalhassem por todos os lugares, especialmente nas grandes cidades, de forma espontânea. Esta lacuna - *o espontaneísmo* - deveria ser preenchida, segundo Rosa, por uma imediata educação das massas, e esta deveria ser a tarefa principal do partido. Neste processo educativo, os conselhos precisariam ser primeiramente conquistados para a causa dos espartaquistas, sendo chamados para o exercício do poder e, depois, a própria prática lhes proporcionaria a aquisição da ciência. A Alemanha, porém, era um país industrializado, muito diferente da Rússia. Portanto, era necessário evitar aquelas etapas intermediárias de desenvolvimento, características da Rússia feudal e camponesa, evitando-se, assim, a separação entre partido e massas que culminou na supressão da democracia. Partido e conselhos deveriam ser os veículos desta educação de massas, cujo princípio básico se localizaria na ação⁵⁶.

A contra-revolução, porém, estava se afirmando e decidida igualmente a aprender com os rumos da Revolução Russa. A última tentativa revolucionária foi liderada pelo proletariado de Berlim, que, a 6 de janeiro de 1919, proclama a greve geral. Os socialistas Noske, Ebert e Scheidemann estavam de mãos dadas com o conservador Hindenburg para esmagar a revolução da classe operária. No dia 11 de janeiro de 1919, a revolução foi esmagada com a cumplicidade entre social-democratas e conservadores. No dia 15, Rosa e Karl Liebknecht, que não quiseram fugir, foram presos e massacrados pelos oficiais monarquistas. O corpo de Rosa foi encontrado mais de um mês depois nas águas de um canal. À véspera de seu assassinato, ela escreveu seu último artigo, comovente e apaixonado, com o sugestivo título de "A ordem reina em Berlim", onde ela recorda a semana sangrenta durante os massacres da Comuna de Paris.

Bibliografia

A mais completa bibliografia de Rosa Luxemburgo pode ser encontrada na obra de Peter Nettl, *Rosa Luxemburg* (edição alemã, 1967), onde são relacionados 710 trabalhos de Rosa, entre artigos, discursos, cartas, ensaios e outros textos.

Relacionamos a seguir, de forma cronológica, suas principais contribuições:

- ◆ *A Polônia independente e a causa dos operários* - Paris, 1895 editado sob o pseudônimo de Maciej Rozga.
- ◆ *O desenvolvimento industrial da Polônia* - 1897 - tese de doutorado na Universidade

⁵⁶ Claudie Weill, Introduction a Rosa Luxemburgo, Oeuvres II (Écrits politiques 1917-1918), Paris, Maspèro, 1969, p. 13.

de Zurique.

- ◆ *Reforma social ou revolução* - 1899 - coletânea de artigos,, publicados no *Leipziger Volkszeitung*.
- ◆ *A crise do socialismo na França* - coletânea de artigos publicados na *Neue Zeit*.
- ◆ *Em memória do Partido do Proletariado* - 1903 - artigo publicado em *Przeglad Socialdemokratyczny*.
- ◆ *Paralisia e progresso do marxismo* - 1903.
- ◆ *Questões organizativas da social-democracia russa* - 1904, publicado na *Neue Zeit e no Iskra*.
- ◆ *O socialismo e as igrejas* - 1905. Escrito sob o pseudônimo de Joséf Chmura.
- ◆ *Greve de massas, partido e sindicatos* - 1906.
- ◆ *A questão nacional e a autonomia* - 1908. Publicado no *Przeglad Socialdemokratyczny*.
- ◆ *A teoria e a prática e Desgaste ou combate?* - 1909-1910. Publicados na *Neue Zeit*.
- ◆ *Introdução à economia política* - Publicado na década de 20 por Paul Lévi.
- ◆ *A acumulação do capital - contribuição ao entendimento econômico do imperialismo* - Escrito em 1911.
- ◆ *A crise da Social-Democracia* (Folheto Junius) - 1915.
- ◆ *A Revolução Russa* - Coletânea de escritos de 1917-1918.
- ◆ *A que se propõe o grupo Espártaco* - Berlim, 1918.

Publicados no Brasil

- ◆ "Pausas e avanços do marxismo", in *O marxismo* (antologia). São Paulo, Unitas, 1933.
- ◆ "A circulação do capital e dos produtos - a repartição dos benefícios", in *Capitalismo e comunismo*. Vários autores. Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1934.
- ◆ *Reforma social ou revolução?* São Paulo, Ed. Fiama, 1946; São Paulo, Elipse, s.d.; São Paulo, Global, 1986, Coleção Bases, vol. 48.
- ◆ "A Revolução Russa", in *Vanguarda Socialista*, Rio, n.º 30, 22/03/1946.
- ◆ *A acumulação do capital*. Trad. Moniz Bandeira. Rio, Zahar, 1970, São Paulo, Abril, Coleção Os Economistas.
- ◆ *Reforma, revisionismo e oportunismo*. Trad. Lívio Xavier. Rio, Laemmert, 1970.
- ◆ *A crise da Social-Democracia*. Trad. Maria Julieta Nogueira e Silvério Cardoso da Silva. Portugal/Brasil, Presença/Martins Fontes, 1974.
- ◆ *Greve de massas, partido e sindicatos*. São Paulo, Kairós, 1979. Série Materialismo Histórico.
- ◆ *Introdução à economia política*. São Paulo, Martins, s.d.
- ◆ *O partido de massa e o partido de vanguarda*. São Paulo, Nova Stelia, s.d.
- ◆ *O socialismo e as igrejas*. Ed. Achiamé e Dois Pontos.

Sobre Rosa Luxemburgo

- ◆ CASTRO, Paulo de. *Rosa Luxemburg - socialismo e liberdade*. Rio, Forum Editora, 1968. Col. Spartacus, vol. 1.
- ◆ PEDROSA, Mário. *A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo*. Rio, Civilização Brasileira, 1979. Col. Perspectivas do Homem, vol. 128.
- ◆ GUERINO, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade*. São Paulo, Perspectiva, 1982. Coleção Khronos,
- ◆ *Camarada e amante - cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. Rio, Paz e Terra, 1986.